



UFRRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO



INSTITUTO DE
Florestas



Mulheres nas Ciências Florestais

IF | UFRRJ



LABORATÓRIO DE MANEJO DE BACIAS
HIDROGRÁFICAS

Claudia Moster (Org.)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Mulheres nas ciências florestais [livro eletrônico] / organização Claudia Moster. --
1. ed. -- Seropédica, RJ : Ed. das Autoras,
2022.
PDF.

Várias autoras.
Bibliografia.
ISBN 978-65-00-56415-0

1. Educação 2. Engenharia florestal 3. Mulheres
na educação 4. Mulheres na engenharia 5. Silvicultura
I. Moster, Claudia.

22-135422

CDD-620

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres na engenharia 620

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

SUMÁRIO

Apresentação	1
Capítulo 1. Como nasceu o projeto “Mulheres nas Ciências Florestais”	5
Capítulo 2. O papel da educação na igualdade de gênero	10
Capítulo 3. Igualdade de gênero nas Ciências Agrárias e no Setor Florestal	27
Capítulo 4. O que queríamos saber e os resultados obtidos sobre as Mulheres nas Ciências Florestais	36
Capítulo 5. Quem são as mulheres entrevistadas?	47
Capítulo 6. O que aprendemos com as redes sociais?	57
Capítulo 7. A maternidade e as mulheres florestais	64
Capítulo 8. As mulheres florestais como fonte de inspiração e motivação	73
Equipe do Projeto	114
Agradecimentos	124



**Mulheres
nas Ciências
Florestais**
IF | UFRRJ

PRÓLOGO

Com grande satisfação e apreço recebi o convite da Equipe do Projeto de Extensão “Mulheres nas Ciências Florestais”, para redigir o prólogo do livro produzido pela Equipe.

O projeto é desenvolvido no âmbito do Instituto de Florestas (IF) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), contando com Servidores e Estudantes do Instituto e coordenado pela Prof^a Cláudia Moster, do Departamento de Ciências Ambientais – DCA/IF.

Destaco, inicialmente, que o objetivo principal do projeto é conferir visibilidade à atuação das mulheres nas Ciências Florestais, buscando fomentar a participação ativa do público feminino no curso de engenharia florestal.

Ao longo dos anos, a imagem feminina no mundo todo tem mudado. Historicamente, foi papel da mulher estar o tempo todo à disposição de sua família, e após o casamento servir a seu marido, cuidando ainda de filhos e da casa. Felizmente, essa imagem antiquada ficou para trás! Principalmente nos países desenvolvidos, tivemos grandes avanços na imagem feminina. Desde a juventude, se percebe a consequência da emancipação, pois as meninas já se colocam com tão grandes objetivos quanto os meninos.



Hoje, o comportamento das mulheres é autoconfiante e independente, contribuindo para que tenham posteriormente, boas chances no mercado de trabalho.

O livro destaca o nascimento do projeto, trazendo discussões também sobre o papel da educação na igualdade de gênero, sobre a maternidade e informações sobre o que as mulheres desejam do seu trabalho a partir da divulgação das contribuições de profissionais que atuam no Setor.

Estas profissionais com diferentes trajetórias acadêmica e profissional valorizam e ressaltam as mulheres na pesquisa e no desenvolvimento das ciências florestais no Brasil.

É muito bom ver no último capítulo do livro, os depoimentos de mulheres na ciência florestal, área até alguns anos atrás de domínio predominantemente masculino, ou seja, as mulheres estão se estabelecendo em profissões onde são relevantes a aptidão física e o conhecimento técnico. Que continuem assim! Elas brilham!

Prof. Roberto Lelis

Diretor do Instituto de Florestas

UFRRJ



PREFÁCIO

Com o objetivo de mostrar à sociedade a importância da participação das mulheres em uma área predominantemente masculina, esse trabalho busca valorizar a imagem da mulher em Engenharia Florestal que acaba por contribuir, em grande escala, para o desenvolvimento social e econômico da sociedade e toda a trajetória deste projeto de suma importância acadêmica e social.

Também demonstra o quanto as instituições de ensino podem ter um grande impacto social e modificador na vida das mulheres, uma vez que a maternidade é uma das grandes dificuldades no que diz respeito à conciliação com o profissional. E esse tema, pode ser colocado em debate nas salas de aula, já que o número de meninas que abandonam os estudos devido a uma gravidez precoce é alto, o que influencia diretamente em uma baixa qualificação profissional e um distanciamento cada vez maior, das áreas até então, consideradas predominantemente masculinas.

O estudo mostra que apenas 25% de participação nas ciências exatas é de mulheres, o que chama atenção, já que 54% dos estudantes de doutorado são mulheres. Mas a atuação em áreas voltadas para a engenharia é ainda menor, tendo em vista o excesso de



responsabilidades que as mulheres possuem, uma vez que precisam dar conta do trabalho doméstico, familiar, pessoal e profissional. Porém, não são estes os obstáculos que farão as mulheres pararem ou retornarem a um antigo cenário onde não possuíam voz e direito. O fato de 72% dos artigos científicos entre os anos de 2014 e 2017 na América Latina serem assinados por mulheres mostra o quanto nossa realidade está mudando, possibilitando reivindicarem seus postos em diversas áreas.

Em relação à Engenharia Florestal, muito ainda há para ser conquistado, pois somente 4 cursos no País apresentam uma certa representatividade feminina em seu corpo docente, o que mostra a grande falta de igualdade no ensino superior, pelo fato desses cursos serem considerados vocação masculina. Por meio de um questionário que prioriza a experiência de vida das mulheres atuantes na Engenharia Florestal, observa-se o cuidado e carinho para com as entrevistadas que, através de suas respostas, mostraram-se acolhidas e ouvidas em uma área em que possuem, ainda, tão pouca voz.

Entre as principais motivações para a escolha profissional destacam-se as experiências na infância, reportagens ligadas ao tema, passeios com a família ou as atividades feitas durante a formação básica. Sobre às dificuldades, o que mais apareceu foi a excessiva cobrança sobre si e a maternidade que é muito difícil de conciliar com o



profissional, mas que mesmo assim, as tornam realizadas profissionalmente por estarem fazendo não apenas aquilo que escolheram, mas sim o que amam.

Prof. João Vicente de Figueiredo Latorraca

Instituto de Florestas

UFRRJ



APRESENTAÇÃO

Este livro faz parte dos resultados iniciais do projeto de extensão da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) denominado “Mulheres nas Ciências Florestais”, inscrito como o Processo 23083.021265/2019-92, e iniciado em agosto de 2019.



O projeto de extensão teve, como objetivo principal, dar visibilidade à participação das mulheres nas Ciências Florestais, buscando fomentar a participação ativa do público feminino no curso de engenharia florestal. Além disso, a divulgação de profissionais em diferentes áreas de atuação do setor, bem como a trajetória acadêmica e profissional, foi realizada com o intuito de valorizar a atuação de mulheres na pesquisa e no desenvolvimento das ciências florestais no Brasil.

Atualmente, a discussão sobre gênero é necessária, pois incentiva uma reflexão sobre a ordem social e tipos de comportamentos, tanto dos homens quanto das mulheres, a fim de que haja a igualdade de oportunidades a todos. A valorização do papel das mulheres nas ciências é uma iniciativa global, e que contribui para os diferentes aspectos sociais e econômicos na sociedade. Nas ciências florestais, área do conhecimento considerada por muitos anos de dedicação masculina, certamente também possui representantes da atuação feminina, que contribuem para a difusão e evolução do setor florestal e da conservação ambiental.

Esta obra busca demonstrar a trajetória percorrida neste projeto, desde o levantamento bibliográfico, as motivações que levaram à realização do projeto, os principais temas abordados e as ideias inspiradoras obtidas durante as entrevistas. Como resultado adicional, apresenta-se um panorama do alcance obtido nas redes sociais, e um levantamento da situação atual da participação feminina nos cursos de graduação em engenharia florestal.

Dentre as mulheres participantes, cada uma contribuiu para a obtenção desses resultados e, pode-se dizer que, com o amadurecimento das premissas norteadoras dessa ação. A cada entrevista, tornava-se mais evidente a importância do projeto, sendo apenas no ato de ouvir e de compartilhar experiências, pois era certo de que sempre haveria um bom exemplo a ser seguido, frente às inúmeras dificuldades de ser uma mulher na área florestal.

Nossos desafios são individuais, mas tornam-se coletivos quando visualizamos a dimensão da estrutura social, acadêmica e profissional que ainda vivenciamos. É notório que avançamos em muitas questões, principalmente no meio empresarial, em que a equidade de gênero se tornou um dos pilares da sustentabilidade. Entretanto, existem histórias que se repetem em diferentes gerações, aliadas à demonstração de resiliência, determinação e muito amor pela profissão.

Por diversas razões, os nomes e os papéis desempenhados por mulheres nas ciências florestais ainda são pouco conhecidos. Ao resgatar as contribuições técnico-científicas realizadas por cientistas e engenheiras florestais, do passado e do momento atual, isso é visto como uma forma de fazer justiça

e de honrar a participação das mulheres no desenvolvimento científico e econômico, bem como, uma oportunidade de inspiração, em especial, para as jovens estudantes da Engenharia Florestal do presente e do futuro.

Desejo uma ótima leitura!

Claudia Moster

Professora do Departamento de Ciências Ambientais do Instituto de Florestas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, criadora e coordenadora do Projeto de Extensão “Mulheres nas Ciências Florestais”

CAPÍTULO 01

Como nasceu o projeto “Mulheres nas Ciências Florestais”

Claudia Moster



Mulheres nas Ciências Florestais
Instituto de Florestas | UFRRJ

Sou engenheira florestal formada na ESALQ/USP (2003), onde também fiz o mestrado (2007) e o doutorado (2018). Antes de finalizar o mestrado, já tinha iniciado a atuação profissional com consultoria, mas sempre quis dar aula. Quando a oportunidade surgiu, iniciei como tutora virtual para a Universidade Aberta do Brasil, no curso de Engenharia Ambiental a distância da UFSCAR (2007 a 2018) e como docente e coordenadora de um curso Técnico em Florestas do Centro Paula Souza - SP (2007 a 2010). A consultoria permaneceu como atividade secundária até meu ingresso na UFRRJ (2018). Também lecionei e fui coordenadora do curso de Tecnologia em Silvicultura na Faculdade de Tecnologia de Capão Bonito, do Centro Paula Souza (2009 - 2018).

Durante toda minha atuação profissional realizei atividades voluntárias, participando de conselhos municipais e em unidades de conservação. Sempre fui apaixonada pela minha profissão, eu sabia que queria fazer Engenharia Florestal antes de ingressar na faculdade, pois já tinha conhecido a atuação profissional em uma feira de profissões. Fui dedicada aos estudos, aos estágios e me identifiquei com a área de Manejo de Bacias Hidrográficas logo no primeiro semestre, quando conheci

minha coordenadora, a Maria José Brito Zakia, e o professor Walter de Paula Lima. Fui acolhida como estagiária de iniciação científica, quando eu não sabia nada... e aprendi muito nessa jornada, sempre levando comigo os ideais que obtive trabalhando com esses professores: a ciência deve ser aplicada, inclusiva, difundida e trazer esclarecimento, buscando a melhoria constante dos processos produtivos para a sustentabilidade.

Eu me lembro que, quando ingressei na faculdade, éramos a primeira turma da ESALQ com igualdade de gênero. As mulheres estão ingressando mais no ensino superior do que antigamente, e na engenharia florestal não é diferente. Temos mais mulheres a cada ano. Acho que a presença de maior quantidade de mulheres melhora a abrangência nas áreas de atuação dentro da engenharia florestal. Mas ainda temos dificuldades em relação à valorização da profissional, na igualdade da remuneração e na contratação para altos escalões, competitividade no meio acadêmico, problemas de segurança no trabalho de campo. São vários desafios a enfrentar, e que não estão diretamente ligados à profissão, mas tem relação com a cultura da nossa sociedade. Por exemplo, a maternidade é algo que

gera sentimentos antagônicos: por um lado, as pessoas se sensibilizam pela beleza da geração da vida, mas por outro, é um fator que diminui a produtividade profissional daquela mulher.

A ideia do projeto surgiu, para mim, durante um evento no primeiro semestre de 2019, que teve o objetivo de valorizar a mulher na ciência, realizado pelo Herbário da UFRRJ, em que fiz uma apresentação a convite de uma aluna. Eu fiquei muito honrada, e sabia que não podia estar lá como “eu”, mas como uma representante das mulheres nas ciências florestais. Durante a minha fala de participação no evento, eu percebi o quanto ainda era necessário valorizar essas mulheres, lembrando das histórias que vivi, que acompanhei ou que conheci. Logo após, eu entrei em contato com o Prof. João Latorraca, na época diretor do Instituto de Florestas, pois eu queria fazer esse projeto de extensão e gostaria de apoio. Ele foi muito receptivo, me indicando o Alessandro, a Cleide e a Georgia (funcionários do IF) para colaborarem. A Carolina, já fazia parte das atividades do LMBH, aceitou o convite e tivemos algumas alunas participando do projeto desde o início (Mayara, Ana Lucia). Atualmente, a Renata, a Beatriz, a Larissa, a Nathália, a Lívia e a Naomi, estão na equipe.

Devo ressaltar que, como coordenadora, sou muito agradecida por trabalhar com pessoas competentes e comprometidas, que fazem do projeto algo maior do que pensamos inicialmente. O objetivo era entrevistar por questionário algumas mulheres ícones das ciências florestais, fazer um livro com os depoimentos e valorizar a atuação profissional que elas tiveram. Percebemos que, ainda hoje, as mulheres florestais com importância em diversas áreas, não são reconhecidas.

A partir de um trabalho colaborativo, aprendemos sobre divulgação científica, gerenciamento de redes sociais, produção de material midiático, além dos temas transversais do projeto, como direitos humanos e igualdade de gênero. Para mim, individualmente, este projeto foi o início de uma rotina ativista, incorporada no meu cotidiano, no meu trabalho e na minha forma de pensar. Quanto mais conhecemos as mulheres colaboradoras do projeto, maior é o engajamento à causa.

CAPÍTULO 02

O papel da educação na igualdade de gênero

Claudia Moster



Mulheres nas Ciências Florestais
Instituto de Florestas | UFRRJ

A Carta das Nações Unidas de 1945, incluiu a igualdade de gênero como direito fundamental, mas muitos anos se passaram para que ocorresse uma maior participação feminina na sociedade. Apenas nos últimos 40 anos deu-se o reconhecimento dos direitos humanos das mulheres, com um novo entendimento em relação ao gênero e na distribuição de poder, bens e riquezas (PINHEIRO, 2019).

A Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável, criada em 2015 na Assembleia Geral das Nações Unidas, apresenta no Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 5 as metas para o alcance da igualdade de gênero, transversalizadas em outros 12 objetivos globais. A ONU Mulheres lançou, em 2016, a iniciativa global “Por um planeta 50-50 em 2030: um passo decisivo pela igualdade de gênero”, com compromissos concretos assumidos por mais de 90 países, já que para alcançar esse objetivo é necessário o envolvimento de todos da sociedade, de forma sistemática (ONU MULHERES BRASIL, 2015).

Segundo Leão e Barwinski (2018), os termos igualdade de gênero, identidade de gênero e direitos humanos, são utilizados como sinônimos, embora “ideologia de gênero” apresenta relação com as propostas de um currículo escolar sexista, racista e discriminatório. No entanto, “Gênero” é uma categoria de análise das relações sociais, não restrito às ciências sociais, ao contrário, são estudos interdisciplinares relacionados aos direitos humanos. Ainda, a palavra gênero passou a integrar discussões importantes e conhecimentos úteis para a compreensão “sobre a exclusão de pessoas, a experiência da violência e a comunicar sobre as desigualdades na sociedade. Por conta disso, chegou às políticas educacionais o reconhecimento de que existem discriminações e desigualdades de gênero”.

Assim, a educação para direitos humanos,

“...é, antes de tudo, reconhecer a postura de dialógica que mobiliza uma teia de relações intersubjetivamente constituídas a partir da qual educadores e educandos medeiam a definição dos fatos sociais, tendo como sujeito mediador seus próprios saberes.... Tal noção de educação para os direitos humanos guarda intrínseca afinidade com os princípios de

democracia, justiça social, cidadania e paz, tão estimados aos que lutam pelos direitos humanos no nosso país”(HENRIQUES, 2020, p.35).

O direito denominado natural tem o exercício em uma série de garantias que pertencem a todos os indivíduos. É responsabilidade do Estado garantir o reconhecimento desses direitos, por meio dos quais será possível o desenvolvimento do bem-estar social, cultural e econômico (SALVADOR, 2018).

Para atingir a igualdade de gênero na sociedade, é preciso adotar medidas na educação formal e informal, que propiciem mudanças nos estímulos para diferentes vocações individuais, em múltiplas áreas do conhecimento. A histórica trajetória de lutas e reivindicações femininas ainda não reverteu a exclusão em diversos setores, incluindo o meio acadêmico e científico.

As unidades de ensino possuem um papel determinante para o estímulo à ciência e à igualdade de gênero. Questões sociais, como a maternidade na adolescência, a necessidade de trabalhar para gerar fonte de renda à família, e o cuidado com membros familiares, são fatores que dificultam a permanência nos estudos e o rendimento escolar, principalmente, em relação às meninas. Segundo o

PNAD de 2018, 28,4% das mulheres entre 15 e 29 anos não trabalham e nem estudam, sendo que 30% das adolescentes fora da escola são mães (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2018).

O ambiente escolar deve acolher as estudantes, identificar suas dificuldades, incentivar os estudos e propiciar expectativas reais de realização profissional e pessoal. Ou seja, semear sonhos e apresentar o caminho para alcançá-los. Destaca-se um trecho de artigo publicado no Jornal O Globo, de autoria coletiva representada pela ONU Mulheres, para reforçar a importância da atuação da escola: “*A educação é a arma mais poderosa para vencermos os obstáculos*”. A frase é da química Joana D’Arc Féliz, recente vencedora do Prêmio Faz a Diferença, do Jornal O Globo. Mulher negra, filha de trabalhadora doméstica, Joana teve muito apoio da família e de professores para estudar, ingressar na Unicamp e na Universidade de Harvard e seguir uma carreira de sucesso como cientista” (ONU MULHERES et al., 2018).

Em meio à situação pandêmica do ano 2020, o fechamento das escolas causou uma perda inestimável na educação de todos os jovens no mundo, em especial aos mais vulneráveis. Além disso, é um grande desafio manter o processo de ensino e aprendizagem por meio da adoção de tecnologias digitais, considerando a qualidade de acesso à conexão de internet e disponibilidade de recursos tecnológicos (UNICEF, 2021).

De acordo com o apresentado por Leão e Barwinski (2018), a gestão pública, desempenhada pelo executivo nos diferentes níveis da educação, possui a responsabilidade de garantir a liberdade de expressão e promover a igualdade de gênero na escola.

“É justo dizer que nem tudo é ciência ou que nem todos seguem os objetivos de uma educação pública e laica, mas não é esse o pano de fundo dos debates sobre gênero e educação no Brasil hoje, depois das críticas sobre gênero na escola, a primeira afirmação é sobre o poder das famílias na centralidade da educação de crianças e adolescentes” (LEÃO e BARWINSKI , 2018, p. 67).

Vieira et al. (2018) apresentam uma reflexão sobre a educação e a igualdade de gênero, independente da modalidade e da idade, mas condizente com os princípios dos direitos humanos aplicados à uma sociedade justa:

“A educação, entendida em sentido lato, é o recurso mais importante de uma sociedade para fomentar mudanças positivas, condizentes com os valores amplamente partilhados de cidadania, qualquer que seja a idade de quem aprende, a modalidade de ensino, ou o contexto onde essas aprendizagens são efetuadas. Sabe -se também que a educação assume um papel fundamental na promoção da igualdade de oportunidades para todos/as, sendo necessário para isso que as diversas instâncias com responsabilidades educativas estejam concertadas entre si e sejam capazes de estar atentas e em sintonia quanto às necessidades específicas das pessoas que aprendem, à importância efetiva dos assuntos a debater e às características de quem ensina, como o faz e que conteúdos e recursos mobilizam.

Educar para a promoção da igualdade entre homens e mulheres deve, nesta sequência, ser uma opção deliberada nos espaços de educação formal e não formal, no âmbito da aprendizagem dos valores de cidadania, o pode acontecer em todas as idades. Para tal torna-se necessária uma intenção política clara de reconhecer à escola um papel central na formação das crianças e jovens, tendo como objetivo o desenvolvimento de valores, de atitudes, de capacidades e de conhecimentos, que as tornem cidadãos e cidadãs participativos/as e críticos/as.

Deve, pois, haver um compromisso ético de usar a educação, entendida em sentido lato, como o recurso mais poderoso para a construção de um futuro comum, sendo que a transformação social exige responsabilidade individual. Seja em matéria de combate a desigualdades de género, seja na abolição de outro tipo de discriminações que a estas possam associar-se, o cerne desta mudança reside na capacidade de cada pessoa, de lidar criticamente, mas de forma positiva para si e para os outros, com as condicionantes dos contextos de vida” (VIEIRA et al., 2018, p.715).

Embora cerca de 54% dos estudantes de doutorado sejam mulheres, há uma discrepância entre as áreas de atuação, predominando nas ciências biológicas. No entanto, elas representam menos de 25% de participação nas áreas das ciências exatas. Na Academia Brasileira de Ciências, as mulheres representam somente 14%. Na representação política, também é nítido o distanciamento da presença feminina, assim como em postos de liderança e destaque social. O termo invisibilidade tem sido utilizado para demonstrar que, na sociedade atual permanecem as restrições de gênero, evidenciadas pelos números apresentados, na diferença salarial, nas oportunidades de emprego, ou na distribuição das bolsas acadêmicas de pesquisa, mesmo com produção científica alta (DE NEGRI, 2019).

No meio acadêmico, o Brasil apresenta a maior porcentagem de artigos científicos assinados por mulheres na América Latina e na comunidade ibero-americana. Entre 2014 e 2017, o Brasil publicou cerca de 53,3 mil artigos, dos quais 72% são assinados por pesquisadoras mulheres (ALBORNOZ et al. 2018).

Como relatado por Lino e Mayorga (2016), a diferença biológica entre machos e fêmeas, evidenciado no cuidado dos filhos, torna a maternidade uma função de caráter doméstico, enquanto a paternidade apresenta um caráter público, o que afastou as mulheres da ciência. A maternidade é um motivo de conflito na vida acadêmica, pela dedicação e disponibilidade de tempo que o desenvolvimento da ciência demanda. A trajetória das mulheres na ciência é marcada pela jornada excessiva de trabalho, conciliando as responsabilidades do cuidado com a família e com o lar, a vida pessoal e o trabalho. Culturalmente, mesmo participando da geração de renda familiar, o trabalho doméstico e o cuidado com os filhos permanece sendo uma atribuição feminina. Em relação à problemática feminina na ciência, as autoras consideram que:

“... a participação das mulheres na ciência vai além de afirmar a participação destas nessa esfera de conhecimento, implicando também, sem sombra de dúvidas, na problematização da ciência moderna como pertencente à cultura hegemônica que tem seus pilares no sexismo e androcentrismo. Nesse sentido, perceber e denunciar os pilares que sustentam e fornecem legitimidade à ciência se torna imprescindível. Para isso, é preciso se atentar aos

códigos, às regras de conduta, às normas acadêmicas tal como aos procedimentos para a construção de saberes” (LINO E MAYORGA, 2016, p. 10).

Silva e Ribeiro (2014) utilizaram entrevistas como método para contextualização das mulheres nas ciências, encontrando relatos que demonstraram o ambiente regido por valores e padrões masculinos. O que, certamente, influencia de forma direta no comportamento das mulheres em relação ao trabalho, como a dedicação intensa para alcançar o mesmo reconhecimento. No meio científico, as autoras concluem, que é necessário que a igualdade de gênero ocorra, de forma que seja revertida a situação de sub-representação feminina na ocupação de cargos de direção e recebimento de bolsas.

A iniciativa *Parent in Science* no Brasil analisou o impacto da parentalidade na produção científica (MACHADO et al., 2019), entre outras pesquisas na área. O movimento resultou em um campo adicional no currículo Lattes, em que a pesquisadora pode declarar o período de licença à maternidade.

No entanto, a desigualdade na ciência também envolve outros fatores, como raça e etnia. De acordo com a publicação Open Box da Ciência, a maioria das docentes são brancas ou pardas e, dentre elas, somente 15% recebem bolsa de auxílio à pesquisa. No Censo da Educação Superior (INEP, 2019), tanto nas instituições públicas quanto privadas, prevalece o gênero masculino na docência. A educação deve incluir condições de acesso e permanência de diferentes etnias, a fim de propiciar maior participação social de mulheres pretas/negras ou pardas (BANDEIRA, 2020).

Durante o ano de 2021, a equipe do projeto buscou informações sobre a representatividade de mulheres na docência dos cursos de Engenharia Florestal no Brasil. A motivação para essa pesquisa foi o resultado das entrevistas, que demonstraram ser importante a figura feminina no corpo docente, para o estímulo e a referência às alunas de engenharia florestal.

Por meio de busca de instituições de ensino superior, foram encontradas 69 opções para Engenharia Florestal, mas somente foi possível obter informações sobre o corpo docente, por meio de página virtual ou contato por e-mail, de 37 cursos. São 266 mulheres num total de 807 docentes, ou

seja, uma representatividade de 33%. Na Figura 1, os resultados obtidos por cada região brasileira, com destaque para o Nordeste, com 39% de mulheres docentes.

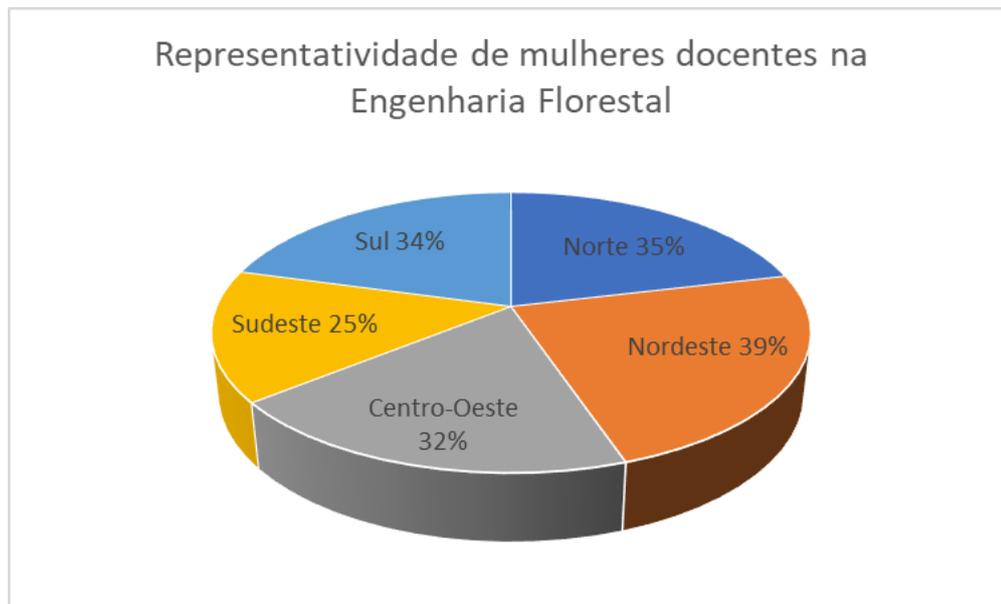


Figura 1. Resultado do levantamento sobre a ocupação feminina no corpo docente de cursos de Engenharia Florestal.

Somente 4 cursos de engenharia florestal apresentaram uma representatividade mínima de 50% de mulheres no corpo docente, com a maior ocorrência no Instituto Macapaense do Melhor Ensino Superior, Macapá - PA, com 89%. Os resultados demonstraram que, mesmo no ensino superior, ainda há uma disparidade entre homens e mulheres docentes na Engenharia Florestal, o que não difere da situação em outras áreas do conhecimento. Assim, acredita-se que todas as iniciativas para a busca da igualdade de gênero devem ser valorizadas e respeitadas, em todos os segmentos da sociedade, inclusive na educação e, principalmente, no meio acadêmico, que representa a formação de recursos humanos especializados.

Referências

- ALBORNOZ, M. et al. Papeles del Observatorio n. 9: Las brechas de género en la producción científica Iberoamericana. [s.l: s.n.].
- BANDEIRA, L. S. Coeducação e a presença da mulher na educação brasileira. In: Educação e direitos humanos. In: RODRIGUES, A. T. et al. (Eds.). Educação e direitos humanos. Rio de Janeiro: Pembroke Collins, 2020. p. 313–318.
- DE NEGRI, F. Women in Science: Still Invisible? In: PRUSA, A.; PICANÇO, L. (Eds.). A Snapshot of the Status of Women in Brazil: 2019. Washington, DC: Brazil Institute, Wilson Center, 2019. p. 18–19.
- HENRIQUES, A. V. S. Direitos humanos e educação em direitos humanos. In: RODRIGUES, A. T. et al. (Eds.). Educação e direitos humanos. Rio de Janeiro: Pembroke Collins, 2020. p. 26–37.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, Educação 2018 (PNAD Educação). [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101657_informativo.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2021.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Notas estatísticas do Censo da Educação Superior 2019. [s.l: s.n.].
- LEÃO, I. V.; BARWINSKI, S. L. L. B. Direitos humanos e igualdade de gênero no Brasil: tensões no direito à educação na ONU e OEA. In: ESCOLA DA DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO (Ed.). Cadernos da Defensoria Pública do Estado de São Paulo. São Paulo: EDEPE, 2018. v. 3, n.8, p. 56–70.
- LINO, T. R.; MAYORGA, C. As mulheres como sujeitos da Ciência: uma análise da participação das mulheres na Ciência Moderna. Saúde e Transformação Social, v. 7, n. 3, p. 96–107, 2016.
- ONU MULHERES et al. Por mais mulheres nas engenharias, ciências e tecnologias. Jornal O GLOBO, 15 mar. 2015.
- ONU MULHERES BRASIL. Planeta 50-50 em 2030. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/planeta5050/>>. Acesso em: 17 jun. 2021.

PINHEIRO, A. L. L. Direitos humanos das mulheres. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/190327_tema_i_direitos_humanos_das_mulheres.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2021.

SALVADOR, W. O Brasil na liderança das forças de paz da ONU no República do Haiti. In: ESCOLA DA DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO (Ed.). Cadernos da Defensoria Pública do Estado de São Paulo. São Paulo: EDEPE, 2018. v. 3p. 146–161.

SANTOS MACHADO, L. et al. Parent in Science: The Impact of Parenthood on the Scientific Career in Brazil. 2019 IEEE/ACM 2nd International Workshop on Gender Equality in Software Engineering (GE). Anais...IEEE, maio 2019.

SILVA, F. F. DA; RIBEIRO, P. R. C. Trajetórias de mulheres na ciência: “ser cientista” e “ser mulher.” *Ciência & Educação* (Bauru), v. 20, n. 2, p. 449–466, abr. 2014.

UNICEF. COVID-19 and School Closures, one year of education disruption. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://data.unicef.org/resources/one-year-of-covid-19-and-school-closures/>>. Acesso em: 8 jun. 2021.

VIEIRA, C. C.; NUNES, M. T. A.; FERRO, M. J. Questões de gênero e cidadania: reflexões breves sobre o poder emancipatório da educação. In: *Diálogos Freireanos: a educação e formação de jovens e adultos em Portugal e no Brasil*. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018. p. 701–716.

CAPÍTULO 03

Igualdade de gênero nas Ciências Agrárias e no Setor Florestal

Claudia Moster

Livia Obolar de Amorim

Nathalia Augusto dos Santos



Mulheres nas Ciências Florestais
Instituto de Florestas | UFRRJ

Algumas áreas científicas foram consideradas de vocação masculina, por muito tempo, como é o caso das ciências exatas, que inclui as engenharias e as ciências agrárias e florestais, e as ciências da Terra. Atualmente, há um maior ingresso de mulheres no ensino superior (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA, 2019), e observa-se o aumento da participação feminina em diferentes cursos e áreas. No entanto, a igualdade de gênero ainda é um desafio no mundo profissional, científico e acadêmico. Além disso, as mulheres ainda estão sujeitas às dificuldades em relação à liberdade de escolha (política, pessoal e profissional) e à maternidade.

A questão da igualdade de gênero vem sendo abordada em diversas áreas da ciência, política, familiar e social, como destaque a participação feminina na política que é baixa em vários países desenvolvidos e em desenvolvimento, e o mesmo ocorre em posições de liderança e tomadas de decisão (MANFRE; RUBIN, 2012). Desde a Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres em Pequim, em 1995, foram desenvolvidas estratégias para diminuição da desigualdade de gênero em relação a questões ambientais, já que é reconhecida como uma questão de direitos humanos e trabalhistas

fundamentais, além de ser um dos principais impulsos do desenvolvimento e da sustentabilidade em todo o mundo (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO, 2016).

No setor florestal, o tema foi incorporado ao sistema internacional de certificação do manejo florestal *Forest Stewardship Council* (FSC) em 2015, quando no critério 2.2 foi estabelecido: "A Organização deverá promover a igualdade de gênero nas práticas de emprego, oportunidades de treinamento, celebração de contratos, processos de engajamento e atividades de gestão" (FSC, 2016). Nesta iniciativa, espera-se promover a valorização da atuação das mulheres, fomentando a discussão sobre a participação feminina no setor florestal, e a reflexão acerca da importância da equidade entre homens e mulheres. Portanto, devido a importância deste setor e das mulheres para economia do país, a ampliação dos debates e da geração de informações sobre gênero são fundamentais para a busca da equidade (REDE MULHER FLORESTAL, 2020).

Meizen-Dick et al. (1997) abordaram o gênero em relação ao direito de propriedade e recursos naturais, ressaltando que outras características sociais também interferem nos direitos, como a idade

e a classe social. A produtividade do trabalho feminino relaciona-se com o acúmulo do trabalho doméstico, e os autores encontraram referência de situações diversas, como culturas em que favoreciam a herança das terras aos filhos homens, enquanto as mulheres permaneciam um maior tempo dedicando-se aos estudos, refletido no êxodo feminino para as áreas urbanas.

Mesmo em comunidades que vivem em áreas florestais remotas, como é o caso de unidades de conservação de uso sustentável, em que a participação feminina é culturalmente valorizada, é possível observar a distinção de gênero na divisão do trabalho (SILVA et al., 2014). Ainda, as mulheres nessa situação são responsáveis por 50% da renda de origem florestal, enquanto os homens obtêm aproximadamente 33% (WORLD BANK et al., 2009).

Atualmente no ramo florestal, as mulheres ainda ocupam menos cargos que os homens, sendo o mais ocupado o de especialista com 35%, porém o que ainda não há presença feminina é o de CEO/Presidente. Além disso, um levantamento mostrou que da metade da área de plantações florestais do Brasil, localizadas em 12 estados em todas as regiões, cerca de 34 mil pessoas estão

empregadas diretamente neste setor. Contudo, as mulheres são 13% do total da força de trabalho e estão lotadas principalmente nos viveiros e nas áreas de pesquisa, administração, saúde e segurança do trabalho, meio ambiente e certificação florestal. São poucas as que atuam nas áreas de silvicultura, proteção florestal/patrimonial, estradas e, em especial, na área de colheita (2% dos postos de trabalho são ocupados por mulheres). Apesar de ainda serem necessários muitos passos para a conquista da equidade de gênero no setor florestal, muitos trabalhos têm mostrado que diversas empresas, mesmo que ainda não tenham políticas e práticas para promoção da equidade, estão se estruturando para isto (REDE MULHER FLORESTAL, 2020).

Na academia, segundo Casagrande et al. (2016), o número de mulheres matriculadas nos cursos de graduação das engenharias pelo Brasil é inferior ao de homens. Apesar de aparecerem como 51,8% da população, de acordo com as estimativas do IBGE de 2019, o que equivale dizer que temos aproximadamente 7,5 milhões de mulheres a mais que homens no Brasil. Mesmo assim, na última década, de acordo com os registros do Sistema CONFEA, dentro de um universo de 966.187

profissionais ativos, 14,5% são mulheres. Assim, do percentual mencionado, a representação feminina chega a 178.327, independente da área de atuação. Deste número, 5.788 dizem respeito aos profissionais de Engenharia Florestal. Para Casagrande et al. (2016) “a questão de gênero, mais uma vez, se manifesta quando meninas escolhem os cursos de engenharia, [...] que reiteradamente trazem a ideia do preconceito quanto às habilidades cognitivas exigidas para a área [...]”.

Ao tomarmos a UFRRJ como exemplo, percebemos que nos primeiros anos do curso, havia 10% de mulheres matriculadas, hoje essa média alcança patamares próximos aos 50%, com algumas oscilações pontuais. No entender de Lombardi (2006), a situação vivida pelas mulheres nessa área, continua sendo “especial e excepcional”, visto que no mercado de trabalho formal apenas 15% das vagas eram ocupadas por mulheres e um pouco maior nos cursos de engenharia, com uma ligeira acentuação nos últimos anos, sendo mais aceita atualmente que na década de 1970.

Em suma, as estatísticas demonstram que mudanças significativas ocorreram ao longo da história da Engenharia Florestal, de modo que atualmente a presença feminina no curso já se encontra



em níveis igualitários, mas elas continuam na luta por melhores condições de acesso e, acima de tudo, pelo respeito e pela valorização do seu potencial como profissional.

Em fevereiro de 2022, foi divulgado pela Rede Mulher Florestal, a 2ª edição do Panorama de Gênero do Setor Florestal. Esse documento tem como objetivo o levantamento de dados e o acompanhamento da evolução da participação feminina no setor e, dessa forma, pretende contribuir para a revisão de políticas e práticas das organizações florestais visando a promoção da equidade de gênero. A presença feminina na área florestal brasileira aumentou de 12,7% (2020), para 19% (2021), sendo que as áreas com maior presença feminina são: Viveiros (51,4%), Meio Ambiente, Qualidade, Certificação e Social (42,8%), Áreas Administrativas (36,8%), Saúde e Segurança do Trabalho (32,3%), Pesquisa e Desenvolvimento (26,1%) e Abastecimento e Área Comercial (21,5%). As áreas com menor representatividade feminina são: Colheita e carregamento (2,2%), Proteção Florestal / Patrimonial (5,3%), Estradas Florestais (6,2%) e Silvicultura (7,1%). Sendo assim, apesar de observado um pequeno aumento da presença feminina na área florestal, ainda é possível perceber que as áreas cujos trabalhos

são operacionais, ainda apresentam uma minoria feminina na atuação (REDE MULHER FLORESTAL, 2022).

Referências

- CASAGRANDE, L. S.; SOUZA, A. M. F. L. Para além do gênero: mulheres e homens em engenharias e licenciaturas. *Estudos Feministas*, v. 24(3), n. 398, p. 825–850, 2016.
- FOREST STEWARDSHIP COUNCIL. Promovendo a Igualdade de Gênero nos Padrões Nacionais de Manejo Florestal. [s.l.: s.n.].
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Notas estatísticas do Censo da Educação Superior 2019. [s.l.: s.n.].
- LOMBARDI, M. R. Engenheiras brasileiras: inserção e limites de gênero no campo profissional. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 127, p. 173–202, 2006.
- MANFRE, C.; RUBIN, D. Integrating Gender into Forestry Research: A Guide for CIFOR. Bogor, Indonesia: [s.n.].
- MARIA HARUMI YOSHIOKA; TREE CONSULTORIA EM DIVERSIDADE E INCLUSÃO. Panorama de Gênero do Setor Florestal: 2021. 2. ed. Curitiba: REDE MULHER FLORESTAL, 2022.
- MEINZEN-DICK, R. S. et al. Gender, property rights, and natural resources. *World Development*, v. 25, n. 8, p. 1303–1315, 1997.
- ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Mulheres no trabalho. Genebra: [s.n.].
- REDE MULHER FLORESTAL. Panorama de gênero do setor florestal: 2019. 1. ed. Curitiba: Rede Mulher Florestal, 2020.
- SILVA, R. E.; BONFIM, F. S.; SOUZA, R. R. Mulheres, saberes práticos, relações de gênero e a floresta. *Nova Revista Amazônica*, v. 2, n. 1, p. 38–49, 2014.
- WORLD BANK; INTERNATIONAL FUND FOR AGRICULTURAL DEVELOPMENT (IFAD); FAO. Gender and agriculture sourcebook. Washington, DC: World Bank, 2009.

CAPÍTULO 04

O que queríamos saber e os resultados obtidos sobre as Mulheres nas Ciências Florestais

Cleide Silva de Souza



Mulheres nas Ciências Florestais
Instituto de Florestas | UFRRJ

Neste capítulo, buscamos conhecer um pouco mais a respeito do perfil das profissionais da Engenharia Florestal. Para tanto, criamos um questionário que apresentou um roteiro de perguntas, tendo sido o documento, propriamente dito, encaminhado àquelas que se interessaram em participar do projeto, o qual foi composto por duas etapas: a primeira com questões relacionadas à experiência de vida da entrevistada, já a segunda, referia-se a perguntas que auxiliaram a equipe na realização de melhorias no projeto.

Para a primeira etapa, denominada “O que gostaríamos de saber de você?”, foram elaboradas oito questões: (i) qual seu nome e sua formação acadêmica (curso, ano de conclusão, instituição); (ii) como surgiu o interesse pela área das Ciências Florestais?; (iii) conte-nos seus desafios durante sua trajetória profissional e, se percebeu alguma dificuldade, na sua carreira acadêmica, pelo fato de ser mulher?; (iv) considera que obteve o reconhecimento merecido em sua profissão?; (v) qual sua principal motivação para exercer suas atividades profissionais?; (vi) você se sente feliz e realizada profissionalmente nas ciências florestais até o momento?; (vii) conte-nos uma experiência profissional

em que o gênero foi uma condição relevante? e, por último, (viii) temos visto o aumento do número de matrículas de mulheres no curso de graduação em Engenharia Florestal. Em algumas universidades, elas já são, inclusive, maioria, como é o caso da UFRRJ. Como considera esse movimento atual? É muito diferente da sua época de graduação?

De acordo com as perguntas da fase inicial, nossas entrevistadas, majoritariamente, tiveram seu interesse despertado desde a mais tenra idade por influência de seus ascendentes que estavam ligados com o tema em si, mesmo que de forma indireta, como os cuidados com a lavoura de subsistência; as reportagens que abordavam a vida rural; os passeios com a família realizados nas férias e nos fins de semana ou, ainda, as atividades extracurriculares durante o ensino básico.

Para exemplificar, citamos três casos específicos: as recordações da infância passada em um pequeno sítio em Teresópolis, na região serrana do Rio de Janeiro; os programas televisivos veiculados nas manhãs de domingo com matérias sobre o assunto e a paixão pelas belezas do Cerrado, que foi despertada por meio de uma visita escolar ao Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, em Goiás.

Em relação aos desafios e às dificuldades de ser profissional mulher da área, as respostas não chegam a ser unânimes, vão desde aqueles impostos por elas mesmas - coisa típica da mulher que por mais que faça, sempre se cobra, achando que poderia ter ido um pouco além; até aos que são colocados pela sociedade, independentemente de onde ou como ocorram. Ambos se fazem presentes no cotidiano feminino, seja dentro do meio acadêmico ou fora dele, em maior ou menor proporção, por meio de olhares, de comentários e ações concretas ou apenas subentendidas.

Os obstáculos enfrentados no momento de se conciliar a profissão e as funções da maternidade, evidenciam-se no fragmento destacado “[...] *já recusei convites para assumir a coordenação de grupo de trabalho e de unidades técnicas em razão da terceira jornada em casa com os filhos*”, o qual reflete a cobrança interior travada todos os dias, não apenas pela mulher que vivenciou esse fato, mas a de tantas outras mundo afora. Já a frase “*será que vai dar conta? Não é melhor ficar no escritório?*”, refere-se a uma das muitas falas que uma de nossas entrevistadas ouviu no decorrer de sua vida, como aluna ou

profissional, o que nos mostra o quanto ainda é preciso avançar em busca de maiores oportunidades para as mulheres nos diversos setores da sociedade.

Em se tratando do sentimento de reconhecimento, a maioria absoluta das respostas foi afirmativa, embora também tenhamos nos deparado com quem optasse por não responder e outras que reconhecem estarem iniciando na carreira e, portanto, ainda terão um caminho a ser percorrido. Nesse quesito, destacamos duas das respostas recebidas: *“embora tenha atuado na vida acadêmica por (sic) maior parte da minha atuação, hoje trabalho com certificação florestal e considero que sou reconhecida”* e, *“acho que sim. [...] reconhecimento é o legado que deixamos, os alunos formados, os trabalhos publicados, as ideias lançadas, as disciplinas criadas, os projetos aprovados”*. O primeiro recorte traz a fala de uma profissional que atualmente está no setor privado, enquanto que o segundo, a de uma docente do setor público, as quais nos asseveram que as lutas enfrentadas no dia a dia não diminuem o prazer de saberem-se competentes naquilo que fazem.

Quanto à motivação, sem dúvida alguma, o amor à carreira escolhida foi a principal resposta obtida, muitas disseram *“adoro o que faço e fico realizada simplesmente em fazê-lo”*, houve ainda quem mencionasse a vontade de superação: *“[...] superar e aprender cada dia mais, para influenciar positivamente a vida das pessoas e o meio ambiente”* como sendo a razão pela qual encontra ânimo para seguir adiante na carreira. A renovação desse estímulo é o que faz a pessoa alcançar a alegria e a realização profissional, como podemos perceber no fragmento *“compartilhar conhecimentos, conviver com tantos alunos vindos de diferentes lugares do país e até do mundo, temos alguns intercambistas, me dão vigor todos os dias. Eu realmente sou apaixonada pelo que faço”* ou ainda, neste outro trecho *“exercer o papel de líder, hoje é sem dúvida minha maior motivação. Ser suporte para o time, atuar na resolução de problemas e em tomadas de decisão é o que motiva. [...] Ter o prazer de juntar isso com minha formação é um privilégio”*, constatamos que trabalhar naquilo em que a pessoa realmente se identifica faz a diferença, pois serve de mola propulsora não apenas em questões que envolvam a vida pessoal ou profissional do indivíduo em si, mas também será a fonte de inspiração para aqueles que o rodeiam, culminando com felicidade e realização profissional, próximo tópico do nosso questionário.

Pelas respostas obtidas, todas as mulheres entrevistadas, com uma única exceção que disse “*Não, porque sinto que ainda não encontrei meu lugar dentro das ciências florestais*”, consideram ter obtido êxito naquilo que fazem, apesar do desgaste com a rotina diária. Tal constatação lhes proporciona a satisfação de poder dizer “*Quem me conhece, sabe que tenho paixão pelas ciências florestais. E isso se traduz em felicidade e realização.*”

Ao indagarmos a respeito de experiências profissionais onde o gênero foi condição relevante, o trecho em destaque “*empresas me procuram para indicar alunos para estágios ou vagas de emprego para estudantes ou recém-formados [...] pediam preferencialmente homens para exercer o cargo, sem levar em consideração as habilidades que a pessoa tinha*”, reflete o teor da maioria das respostas alcançadas.

A realidade ainda não condiz com o que é justo, considerando-se que a conclusão de um projeto ou tarefa não pode ser definida, muito menos justificada levando em conta o gênero de quem a executa, antes sim, pela capacidade e o conhecimento que a pessoa possui para levá-la a termo.

No que tange ao aumento da presença feminina no curso de graduação em Engenharia Florestal, chegando a ser maioria em algumas universidades, como é o caso da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, aquelas que atuam como docentes atestam essa nova realidade e comemoram, pois, entendem tratar-se de *“uma enorme conquista [...] uma tendência de vários cursos que anteriormente eram cursados majoritariamente por homens”*. Essa ainda parece não ser a realidade na iniciativa privada, se tomarmos por base a percepção de uma de nossas entrevistadas quando diz *“no setor empresarial, o processo é mais lento neste quesito, principalmente nas áreas mais operacionais de silvicultura e manejo”*, entretanto, encontram-se pontos de vista divergentes, os quais apontam que *“[...] hoje já vejo uma representatividade feminina muito maior nas Ciências Florestais dentro das empresas”*.

A despeito do fato de existirem opiniões opostas, infelizmente podemos constatar essa triste verdade, quando trazemos à baila o percentual da presença feminina, seja em um ou noutro setor, visto que *“precisamos ocupar cada vez mais espaços em lugares antes considerados “lugar de homem”, como*

os cursos de engenharia e mudar a percepção de que o lugar da mulher é nos cursos mais “tradicionalmente femininos” ou “só cuidar da casa, filhos, sem isso ser uma escolha.”

Terminadas as questões do primeiro tópico, partimos para a segunda fase: “Ajude-nos a ampliar o projeto!”, mediante a qual desejávamos o desenvolvimento da nossa pesquisa junto a outras pessoas e rumo a ocupação de novos espaços. Quatro perguntas compuseram essa etapa, a saber: (i) poderia citar uma pessoa do gênero feminino que foi inspiração ou exemplo em sua vida profissional?; (ii) gostaria de indicar uma outra profissional das Ciências Florestais para participar do projeto? (deixe um contato, por favor); (iii) gostaria de participar de uma entrevista por vídeo?, e (iv) se possível, nos envie uma foto sua para compor esse material.

Em destaque vemos que a figura materna, bem como a das educadoras que porventura, cruzaram seus caminhos, mereceram destaque absoluto nas respostas obtidas, o que não nos causou estranheza, tendo em vista a quantidade enorme de mulheres que se veem obrigadas a chefiar uma família, mesmo que, por diversas vezes, contem com a presença do cônjuge.

Com relação à indicação de outras profissionais para participarem do projeto, a contribuição no envio de nomes foi altamente relevante. Fato que, por si só, evidenciou a predisposição das entrevistadas com a nossa proposta, haja vista que as mesmas já haviam, por iniciativa própria, repassado nossos contatos para as mulheres que faziam parte de seu círculo profissional.

Quando consultadas quanto à possibilidade de participar de uma entrevista por meio de vídeo, todas demonstraram boa vontade, revelando o interesse pelo tema abordado em nosso projeto.

A última consulta feita, consistia no envio de uma fotografia para que pudéssemos anexar ao nosso material, embora nem todas tenham enviado, por motivos diversos, ainda assim consideramos significativo o feedback alcançado.

Refletindo nas respostas, constatamos um avanço nas conquistas femininas em vários aspectos e nos diversos setores da sociedade, tanto nacional quanto internacionalmente. Não nos furtamos a reconhecer as evidências, todavia essa evolução acontece em uma proporção ínfima, tendo em vista a

relação entre o número de mulheres presentes em cargos que demandam maiores responsabilidades comparados ao número de homens.

Talvez exatamente por isso, as mulheres se esforcem para buscar sempre uma motivação extra para darem continuidade às tarefas inerentes aos caminhos por elas escolhidos e trilhados, lançando mão do amor e da paixão que as norteiam em tudo aquilo que se propuserem a realizar.

Com essas informações, pudemos entender melhor o retrato das nossas entrevistadas, fato que nos possibilitou enveredar por outros temas, abordados no próximo capítulo “Quem são as mulheres entrevistadas?”

CAPÍTULO 05

Quem são as mulheres entrevistadas?

Alessandro Moreira Lima



Mulheres nas Ciências Florestais
Instituto de Florestas | UFRRJ

As atividades do projeto, inicialmente, foram compostas pelo levantamento de documentos e materiais bibliográficos relacionados à história das ciências florestais, da silvicultura e do ensino da Engenharia Florestal no Brasil. Tal estudo preliminar fez-se necessário para a compreensão do histórico que permitiu a concretização do cenário atual do setor florestal.

Por se tratar de um estudo cujo um dos componentes é a relação social do gênero feminino em seu setor de atuação profissional, o científico e/ou florestal, definimos que o passo seguinte para a continuidade de nossos objetivos consistiria no entendimento dessa relação das mulheres com seus respectivos ambientes laborais.

Neste momento, já havíamos criado expectativas para contato junto a alguns poucos nomes bem conhecidos no meio, contudo, algumas dúvidas ainda pairavam sobre nosso planejamento. Quais perfis de mulheres procurávamos? Onde e como encontrá-las? Será que conseguiríamos ter despertado o interesse genuíno em participar do projeto?

A partir dessas dúvidas, nós pudemos compreender que precisávamos de uma metodologia para alcançarmos nosso objetivo de encontrar mulheres dispostas a colaborar e com diferentes perfis de atuação na ciência e no setor florestais. A essa altura, já estávamos certos de que seria adotado o modelo de entrevista semiestruturada como base para nossas conversas e diálogos. Dessa forma, e para que fizéssemos a realização de entrevistas, um questionário padrão foi elaborado pela equipe do projeto com abordagens de temas sobre a igualdade de gênero e sobre a experiência profissional e acadêmica de nossas entrevistadas. Sabíamos que as respostas e a interação em si durante as entrevistas configurar-se-iam como dados valiosos de nosso projeto de extensão.

Assim, evoluímos nossos esforços a fim de criamos uma metodologia para encontrar nossas entrevistadas, baseada no currículo e no tipo de atuação, para todo o território brasileiro, incluindo as que não possuíam graduação em Engenharia Florestal, mas contribuem para as ciências florestais, no âmbito público, privado, acadêmico ou no terceiro setor. Nesse sentido, miramos nossa atenção também para biólogas, engenheiras agrônomas, entre outras profissionais e pesquisadoras de áreas

afins às ciências florestais. Trabalhamos com temas correlatos nas redes sociais, realizamos entrevistas por questionário e vídeos, e muitas ideias novas acabaram surgindo para o futuro do projeto.

Para a seleção das mulheres a serem convidadas para participar do projeto, foi definida uma metodologia de trabalho específica. Todas as faculdades e universidades que oferecem o curso de Engenharia Florestal foram contactadas por correio eletrônico, para apresentação do projeto e solicitação de indicações. A partir de dados publicados em páginas web, buscaram-se nomes de mulheres em ONGs e associações, empresas do ramo florestal, bem como instituições públicas de gestão. A segunda fase de seleção, consistiu da análise do currículo dos nomes encontrados, a fim de se obter uma ordem de relevância e prioridade para contatá-las para a participação na forma de entrevista. A ordem de escolha das entrevistadas permitiu mesclar personalidades de maior experiência com aquelas de menor experiência profissional ou acadêmica. Foram utilizados, como critérios, os seguintes quesitos: graduação no curso de Engenharia Florestal; relevância da experiência profissional prévia; contribuições para o desenvolvimento científico; aquisição de prêmios acadêmicos;

ocupação de cargos relevantes de gestão em organizações, titulação. Essa classificação final possibilitou identificar os nomes que pudessem ter mais relação com a área florestal, pela experiência da candidata, e não tendenciar os convites somente para engenheiras florestais ou mulheres com mais tempo de experiência. A listagem das mulheres selecionadas, com suas funções e contatos era, sempre que possível, complementada com novos nomes, na medida que as próprias entrevistadas forneciam indicações de outras personalidades do setor que estivessem dispostas a participar do projeto, aumentando, assim, de modo orgânico, nossa rede de contatos.

Ao todo, foram enviados 176 (cento e setenta e seis) convites, sendo 17 (dezesete) para instituições e os outros 159 (cento e cinquenta e nove) direcionados para pessoas físicas. Assim, os convites foram enviados para profissionais de diferentes atuações, níveis de experiência e formação profissional, com atuação na área florestal. Todos os convites para participação no projeto foram enviados com os arquivos do questionário e do termo de consentimento, além da possibilidade de gravação da entrevista.

Ao final desse processo obtivemos muitas respostas positivas, enquanto outras declinaram da proposta de participação, por diferentes motivos. Como era esperado, a maior parte das mulheres entrevistadas tinham como formação acadêmica primária o curso de bacharelado em Engenharia Florestal, conforme demonstrado na Figura 2.

Número absoluto de mulheres entrevistadas segundo suas formações acadêmicas

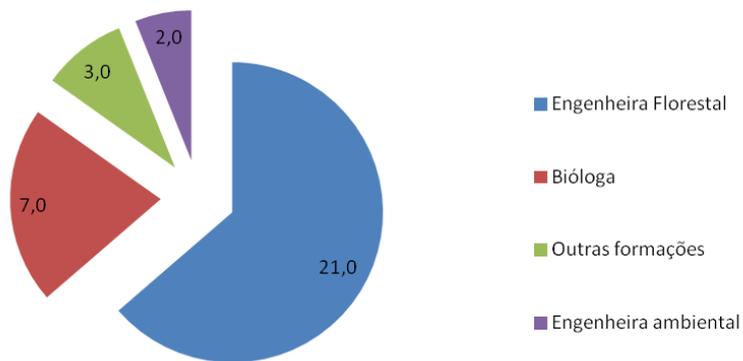


Figura 2. Distribuição das formações profissionais das mulheres entrevistadas e atuantes nas Ciências Florestais.

Em segundo lugar em número de participação, tivemos as profissionais com formação em Biologia, campo do conhecimento que apresenta sinergia em várias áreas com as ciências florestais, como a botânica, ecologia, fisiologia vegetal e biologia da conservação.

Durante a seleção das entrevistadas, também procuramos a diversidade na representatividade das quatro grandes áreas das Ciências Florestais: Silvicultura; Manejo Florestal; Tecnologia dos Produtos Florestais e Conservação da Natureza. Dessa maneira, entrevistamos mulheres de diferentes regiões do Brasil e, algumas delas, com atuação internacional e também multidisciplinar. A Figura 3 apresenta a distribuição relativa das entrevistadas conforme suas grandes áreas de atuação.

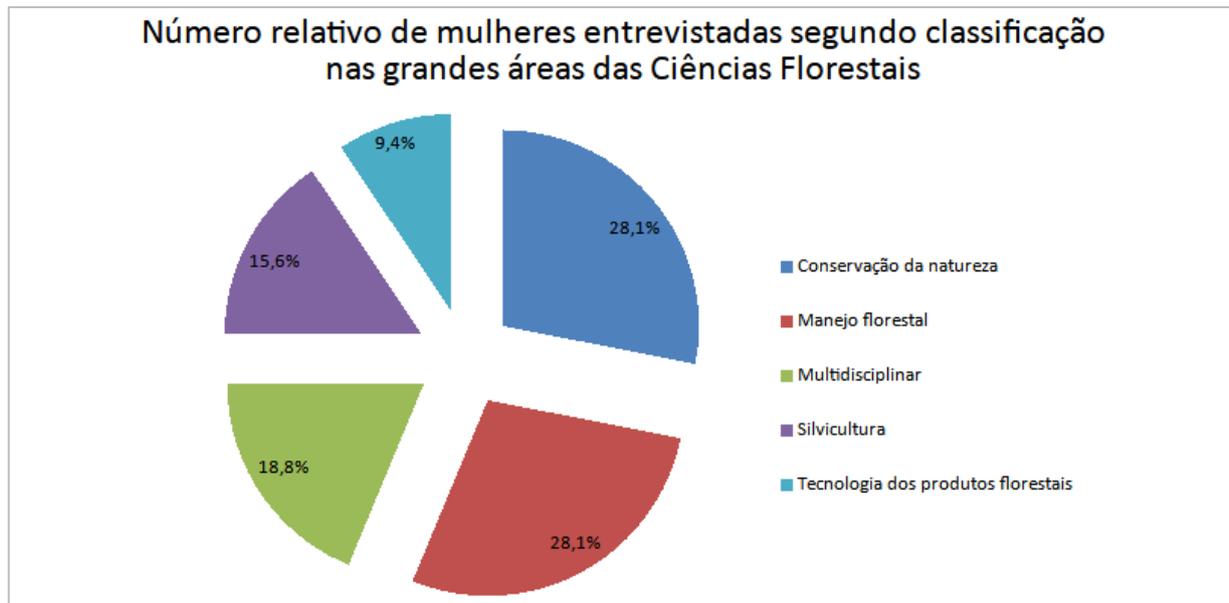


Figura 3. Distribuição das áreas de atuação das mulheres entrevistadas.

As entrevistas ocorreram em ambientes virtuais por meio das plataformas *Google Meet*, *Zoom* ou *Microsoft Teams* e tiveram a duração média de 40 minutos. Essa fase de entrevistas coincidiu com o momento de isolamento social causado pela pandemia da Covid 19, de modo que, muitas das entrevistadas encontravam-se na modalidade de trabalho remoto.

Após editados, os vídeos foram disponibilizados no canal do LMBH no YOUTUBE®: <https://www.youtube.com/c/LMBHUFRRJ>, com acesso livre.

CAPÍTULO 06

O que aprendemos com as redes sociais?

Carolina Gomes Moreira

Claudia Moster



Mulheres nas Ciências Florestais
Instituto de Florestas | UFRRJ

Considerando que vivemos na “Era da Informação”, não poderíamos deixar de incluir a divulgação de nossas ações nas redes sociais com o intuito de ampliar o acesso ao conhecimento dos resultados do projeto. O uso da internet, como ferramenta essencial para desenvolver a comunicação entre pesquisador e população, para a difusão do conhecimento em massa, é cada vez mais comum. No universo digital, a publicação e o acesso à informação são feitos de forma democrática e dinâmica. Em relação ao alcance das postagens, o resultado é dependente da interação dos leitores, dos compartilhamentos e das hashtags (#) utilizadas em cada artigo (MATEUS; GONÇALVES, 2012; NAVAS et al., 2020).

De acordo com Barbosa e Sousa (2018), “*a participação nas redes digitais é um exercício criativo de cidadania digital*”. Os autores evidenciaram o uso do Facebook para divulgação científica, considerado um ambiente virtual para compartilhar pensamentos com o maior número possível de pessoas. Se fosse um país, seria o terceiro maior do mundo em número de habitantes.

Atualmente, com a disponibilidade de conteúdo online existentes, as pessoas não precisam esperar para aprender algo novo, pois tem a possibilidade de pesquisar por aquilo que precisam e, em poucos segundos, uma gama de informações online ficam disponíveis para que possam escolher a que mais lhe chama atenção.

No Brasil, as redes sociais Facebook, Youtube e Instagram, encontram-se entre as quatro mais usadas. Nesse contexto, o projeto Mulheres nas Ciências Florestais possui perfis no Facebook e no Instagram ([@mulheresnascienciasflorestais](#)), com o objetivo de transmitir aos seguidores informações e conteúdos sobre os resultados do projeto e também sobre as mulheres que atuam ou atuaram nas diferentes áreas das Ciências Florestais. As postagens tem o intuito de abordar temas importantes da área florestal, como datas comemorativas, e divulgação de textos com conteúdo significativo.

A divulgação do projeto nas redes sociais possibilitou um alcance de pessoas interessadas no tema, com potencial de ampliação por meio das postagens compartilhadas. Entretanto, observamos

diferença entre os resultados obtidos de acordo com o tipo de publicação, sendo que o maior alcance e engajamento estavam relacionados com as postagens de fotos/imagens (Facebook e Instagram), quando comparados com os vídeos das entrevistas disponibilizados no canal do Youtube. Talvez, por ser uma característica da faixa etária da maioria dos nossos seguidores, os quais se encontram entre os 25 e 34 anos, ou por estar relacionado ao comportamento com maior interesse pela imagem.

Os melhores alcances foram obtidos nas postagens de imagem e texto intituladas “A Engenharia Florestal no Brasil” (1.414 visualizações), “A maternidade e a Engenheira Florestal” (1.337 visualizações), “17 de julho - Dia da Proteção Florestal” (1.266 visualizações) e “Mulheres e números na Engenharia Florestal” (1.014 visualizações). Possivelmente, esses temas tiveram relação com a vida dos seguidores, pelos seus interesses ou contemporaneidade do assunto. Assim, pode-se afirmar que as postagens temáticas são as preferidas pelos seguidores do @mulheresnascienciasflorestais.

Devido à divulgação das entrevistas e dos compartilhamentos realizados pelas convidadas em seus perfis, algumas entrevistas tiveram maior alcance em relação às que foram divulgadas somente

no perfil do projeto. Assim, destaca-se o potencial da divulgação em rede pelos próprios usuários, a qual se caracteriza por um papel individual, como difusores da informação por meio dos seus contatos. Como exemplo, podemos citar a entrevista concedida pela coordenadora do projeto ao PET Floresta da UFRRJ, que apresentou um grande alcance nos perfis nas redes sociais, resultando em 928 visualizações.

Dentre os seguidores do projeto, as mulheres representam a maioria, entre 25 e 34 anos, cujos acessos predominantes foram realizados na cidade do Rio de Janeiro. Além disso, vale ressaltar que foram observados acessos fora do Brasil, como no México, Estados Unidos, Peru, Colômbia, Espanha e Reino Unido.

O uso das redes sociais como divulgação demonstrou ser eficaz, democrático e integrador de gerações. No entanto, existem aspectos que consideramos ser importantes como aprendizado:

- ✓ O tipo de postagem (texto, imagem ou vídeo) precisa ser adequado ao público alvo, e de acordo com o perfil dos usuários que acessam determinada rede social;

- ✓ A padronização das postagens, com identificação visual, melhora a qualidade do perfil;
- ✓ Os maiores alcances ocorrem por meio de mensagens de rápida visualização, o que é um desafio para a difusão do conhecimento de qualidade.

O canal do Youtube, torna-se, assim, uma videoteca digital de livre acesso, com a disponibilização das entrevistas completas. No entanto, é preciso uma estratégia de divulgação, para que os usuários do Facebook e Instagram, por exemplo, queiram assistir aos vídeos. Dessa forma, novas ideias foram surgindo ao longo do desenvolvimento do projeto, considerando esses aprendizados, e esperamos em breve colocá-las em prática!

Referências

- BARBOSA, C.; SOUSA, J. P. Comunicação da ciência e redes sociais: um olhar sobre o uso do Facebook na divulgação científica. In: LASICS, C. DE E. DE C. E S. (CECS) (Ed.). Cibercultura: circum-navegações em redes transculturais de conhecimento, arquivos e pensamento. [s.l: s.n.]. p. 279-289.
- MATEUS, W. D.; GONÇALVES, C. B. Discutindo a divulgação científica: o discurso e as possibilidades de divulgar ciência na internet. Revista ARETÉ, v. 5, n. 9, p. 29-43, 2012.
- NAVAS, A. L. G. P. et al. Divulgação científica como forma de compartilhar conhecimento. CoDAS, v. 32, n. 2, 2020.

CAPÍTULO 07

A maternidade e as mulheres florestais

Claudia Moster

Renata Pontes Araujo

Beatriz Queiroz Demarco

Larissa Brandão Pereira



Mulheres nas Ciências Florestais
Instituto de Florestas | UFRRJ

“Se existe uma diferença entre homens e mulheres, certamente, é a fisiologia que permite a gestação. Não estou falando de aspectos psicológicos ou as responsabilidades intrínsecas a criar um outro ser humano, mas isso diz respeito às mudanças no corpo que garantem a chegada do novo ser ao mundo.

Algumas mulheres passam por essa transformação ainda na faculdade. Me lembro de ter presenciado amigas e alunas que não deixaram o desconforto da gestação atrapalharem as aulas práticas ou saídas de campo. E estamos falando de andar no meio da floresta, coletar dados, subir e descer morros. Observei mulheres colegas de profissão que, durante o desenvolvimento de uma pesquisa, continuaram a fazer seus trabalhos, suas viagens, orientando alunos, preparando aulas (inclusive com coletas botânicas), realizando entrevistas, sempre acompanhadas dos seus filhos ainda na barriga.

Isso quer dizer que, apesar de estar em um momento fisiológico adverso (só quem passa por isso sabe...) a gente não para de trabalhar, e, às vezes, sentimos até mais pressão para demonstrar que continuamos com a aptidão de realizar nossas atividades. Justo? Não... nenhum homem que está à espera de um filho sofre esse tipo de pressão.

Depois desses meses em que, literalmente, carregamos mais do que o nosso peso individual, muitas mulheres continuam a realizar as atividades, agora com os bebês acompanhando-as. Seja na frente do computador, no “sling” ou canguru, a maternidade acumula-se às funções já desempenhadas anteriormente. E os filhos continuarão participando nas trilhas,

nas coletas, nos acampamentos, nas aulas práticas... pode até ser que não se identificam profissionalmente com a floresta, mas... filhos de engenheiras florestais, em algum momento da vida, estarão vivenciando a floresta, plantando uma sementinha ou uma muda, conhecendo a madeira pelo cheiro, aprendendo o nome de uma árvore, nadando no rio e na cachoeira.

As dificuldades no acúmulo de funções com a maternidade são iguais para todas as mulheres e àqueles que desempenham o ser mãe (independentemente do gênero). De origem biológica ou adotiva, ser responsável pela vida e criação dessas crianças deveria ser algo muito mais valorizado pela sociedade, com suporte aos pais, permitindo a criação de vínculos afetivos profundos e a segurança de que teremos condições para prover amor, saúde, educação e segurança.”

(Claudia Moster, @mulheresnascienciasflorestais, publicado nas redes sociais do projeto em 20/09/2020).

Durante a realização das entrevistas, as perguntas sugeridas para nortear a conversa poderiam ou não serem contempladas em sua totalidade. A troca de experiências foi aberta, sendo que outros temas poderiam ser abordados, de acordo com as respostas da participante. Assim, o assunto referente à maternidade surgiu em 35% dos encontros, de forma espontânea. Participaram desse levantamento, 34 profissionais da área florestal, sendo 17 professoras universitárias, 3 pesquisadoras de pós-doutorado internacional, 9 profissionais de organizações não governamentais e 5 de empresas privadas com diferentes pontos de vista e similaridades entre os relatos.

O surgimento do tema, durante as entrevistas, ocorreu durante as apresentações sobre a trajetória profissional e nos questionamentos acerca de situações vivenciadas em relação ao gênero.

De forma geral, foram levantadas as diferentes questões frente às dificuldades das mulheres em relação à maternidade na vida profissional. Algumas palavras foram citadas com maior repetição, o que permite a percepção sobre os sentimentos que permeiam o assunto: PRIORIDADE; RESPONSABILIDADE; TAREFA ou FUNÇÃO; RELACIONAMENTO.

Em relação à PRIORIDADE, os relatos transmitem a ideia de que, após a maternidade, ocorre uma alteração nas prioridades. Ou seja, os filhos tornam-se a prioridade (e não mais a carreira), pelo menos durante os primeiros anos de vida. A retomada da carreira foi citada como algo que ocorre naturalmente, conforme os filhos crescem. No entanto, os sentimentos relatados foram de preocupação, insegurança, autocobrança, evidenciando o conflito interno das mulheres entre constituir uma família ou uma carreira.

A RESPONSABILIDADE de cuidar do lar, dos filhos e de cumprir com metas no trabalho foram associadas com a divisão de TAREFAS e/ou FUNÇÕES a serem desempenhadas por homens e mulheres. Nesse sentido, destaca-se a menção ao fato de que as diferenças fisiológicas não justificam a condição de exclusividade do desempenho da maternidade às mães e, quando os parceiros se dedicam igualmente à família, as mulheres não se sentem sobrecarregadas e administram melhor o tempo.

Os diferentes tipos de RELACIONAMENTOS ao redor do tema da maternidade foram considerados de importância para destaque. A temática foi abordada por mulheres que não tiveram filhos, pois em suas trajetórias profissionais, vivenciaram experiências com gestantes ou puérperas, ou com homens que se tornaram pais. Além disso, a rede de apoio, que inclui o relacionamento afetivo, foi citada como imprescindível para conciliar as múltiplas atividades desenvolvidas por essas mulheres. A Tabela 1 apresenta alguns recortes dos relatos, a fim de exemplificar os sentimentos e ideias sobre o tema, transmitidos durante as entrevistas realizadas.

Pode-se afirmar que a maternidade não é um processo vivenciado exclusivamente pela mulher. Assim, propõe-se uma visão diferenciada para essa fase da vida do homem, o tornar-se pai. O período de licença à paternidade no Brasil não permite que os homens estejam mais presentes, auxiliando e participando ativamente da formação inicial da unidade familiar. Sem o reconhecimento da importância dos pais, todas as questões sobre maternidade são direcionadas às mulheres. São elas que vão precisar se afastar do trabalho e que estarão indisponíveis para assumir novas e maiores

responsabilidades, mesmo que, temporariamente. Ao valorizar a paternidade, seria possível a redistribuição das responsabilidades e funções no lar e no trabalho, aumentando as condições de igualdade de gênero nos altos cargos de gerência e direção.

Na maioria dos casos, a maternidade ainda é uma condição de desigualdade de gênero na área florestal. No entanto, percebe-se um processo de mudança no setor, principalmente no meio empresarial. Na atuação acadêmica e científica, e na ocupação de cargos de direção e gerência, é possível que a maternidade, vivenciada sem uma rede de apoio, seja um dos fatores que dificulta o comprometimento de uma maior responsabilidade profissional.

Tabela 1 –Relatos sobre maternidade durante as entrevistas.

Entrevistada	Relatos
Cibele Hummel do Amaral	<i>“Foi um impacto muito grande ter que dividir minha atenção e falar: não, agora a principal coisa na minha vida não é mais minha carreira, é meu filho. Acho que mais difícil do que lidar com essa redução de produção acadêmica, foi lidar emocionalmente com uma mudança em termos de prioridade.”</i>
Sandra Regina Afonso	<i>“Foi maravilhoso, ele [o filho] teve uma boa formação e uma formação diferenciada, mas em algum momento, tive que fazer escolhas porque realmente não é possível conciliar aquela atividade [trabalho de campo isolado].”</i>
Ana Flávia Neves Mendes Castro	<i>“Eu ouvi de familiares que eu deveria abandonar minha carreira para cuidar da minha filha. Eu tive que colocar ela muito cedo na escolinha para poder dar conta de continuar fazendo as minhas coisas e ela adoeceu muito, a cada 15 dias íamos ao médico. [...] Mas por que eu tenho que escolher entre a minha carreira e a minha filha? Eu não posso ter as duas coisas e conciliar?”</i>
Tatiana de Azevedo Branco Calçada	<i>“Uma das dificuldades de ser mulher é conciliar as demandas em casa e a vida profissional. Somente agora que meu filho está mais velho, que eu consigo me dedicar mais à vida profissional [...] Quando ele era pequeno, eu não podia assumir grandes responsabilidades no trabalho.”</i>
Raquel Álvares Leão	<i>“Eu virei mãe, então tive outras prioridades. Minhas filhas são prioridades absolutas, tanto que isso entrou muito em conflito com meu trabalho, no sentido de que ainda não consigo focar na minha carreira, porque elas ainda estão pequenas e pra mim, é uma escolha e não me arrependo.”</i>

Maria Raquel Kanieski	<i>“As mulheres têm desvantagens porque ainda há um peso muito grande sobre a mãe ser a principal responsável pela educação dos filhos. Essa preocupação cultural, de assumir aquilo como responsabilidade dela, e deixar de lado o trabalho.”</i>
Maria Madalena Santos da Silva	<i>“Eu tenho dois colegas, um da [engenharia] florestal e outro da zootecnia que foram pais recentes. E eles estão assim, super envolvidos, né? Curtindo horrores as crianças assim. E aí eu fui visitar um deles assim, e ele falou assim: “Cara, essa licença paternidade é muito curta. É uma loucura um bebezinho em casa. Quer dizer, ele está vivenciando com a esposa, né?”</i>
Daniela Biondi Batista	<i>“... é muito importante, que você tenha essa visão que é o momento que ela precisa para se recuperar, mas é muito complicado para as meninas e professoras que saem de licença maternidade. Acho que tem que ser melhorado muito nesse sentido [...], os meus colegas de doutorado diziam assim: “Olha, você é uma heroína! Não sei como é que você controla dois meninos e ainda trabalha!” E os dois assim, juntos de mim. Eu falo muito desse estágio que eu tive na minha profissão, que não produzi muito porque é difícil você ser mãe cem por cento e ser pesquisadora cem por cento. Acho que deve sobrar uma coisinha lá (uns 10 por cento) pra profissão. Então, eu tive que optar assim: Essa fase eu vou me dedicar para isso e depois eu vou me dedicar para o outro, né?” Eu fiz essa opção.”</i>

CAPÍTULO 08

As mulheres florestais como fonte de inspiração e motivação

Claudia Moster

Carolina Gomes Moreira

Cleide Silva de Souza

Alessandro Moreira Lima

Renata Pontes Araujo

Larissa Brandão Pereira

Nathalia Augusto dos Santos

Livia Obolar de Amorim

Beatriz Queiroz Demarco



Mulheres nas Ciências Florestais
Instituto de Florestas | UFRRJ

Na primeira fase do projeto, recebemos a contribuição de 37 mulheres. Todas as entrevistas podem ser acessadas pelo canal do Laboratório de Manejo de Bacias Hidrográficas no YOUTUBE®: [LMBH UFRRJ](#). Também realizamos uma roda de conversa “em casa”, com a participação de professoras do Instituto de Florestas da UFRRJ.

Nesse capítulo, apresentamos algumas frases de nossas convidadas, que trouxeram motivação e são consideradas, por nós, inspiração para outras mulheres florestais.

Graciela Inez Bolzón de Muniz

Engenheira florestal, professora titular e vice-reitora da UFPR

Entrevistada em 27/11/2020



“Quando comecei a querer estudar e entrar em uma Universidade, estava havendo muitos problemas políticos no país. Tinha essa época da guerrilha, uma época muito conturbada no país.”

“A mulher tem que ter persistência. Aliás, para trabalhar como professora e como pesquisadora, nós temos que ser persistentes. Sempre levamos muitos ‘nãos’ mas a gente vai vencendo.”

“Eu acho que a Engenharia Florestal e qualquer profissão, tem que ter transversalidade em outras áreas de conhecimento, foi isso que me levou a ser professora.”

“Levei muitos ‘nãos’ e muitos baques, mas a gente sempre tem que procurar, não perder o foco e a persistência.”

“Algum defeito eles têm que dar para desmerecer. Já tive problemas, tive que enfrentar ‘Ah, você não é isso!’ para chegar a ser pesquisadora.”

“Nós somos mulheres muito poderosas da área florestal. Somos muito fortes. Somos uma árvore, sempre dando muitas raízes. Damos sombra, frutos e flores. As mulheres são como as árvores.”

“O importante é ter persistência e saber que você tem sempre 50% de um não e os outros 50% você tem que lutar pelo sim.”

Cibele Hummel do Amaral

Engenheira florestal
professora da UFV

Entrevistada em 18/01/2021



- e
- “O interesse pela área florestal vem desde que eu era muito criança. Meu pai me levava para passear o horto florestal e aquilo era algo apaixonante pra mim.”*
- “Com 13 anos de idade, eu vi a Engenharia Florestal naquele livro (Guia do Estudante) e eu me apaixonei.”*
- “Sem dúvidas eu tive o reconhecimento que eu queria.”*
- “Talvez ainda exista uma certa diferenciação em termos de gênero, mas a partir do momento que as pessoas começam a ver seu valor, acaba diminuindo essa questão de gênero.”*
- “Hoje eu vejo que sou reconhecida independente do meu gênero.”*
- “A principal questão é de ter uma segurança em campo. Tem pessoas ali que podem enxergar aquilo como uma possibilidade de ter uma conversa diferenciada. Eu já tive situações em campo com pessoas que não são do meu círculo me olharem um pouco diferente e isso, de alguma forma, foi constrangedor.”*
- “Meu sonho era estudar muito, conhecer muita coisa e sempre trazer isso para os meus alunos, de forma a estimulá-los com a paixão que eu tenho.”*
- “Meu maior sonho foi me tornar professora em Viçosa, completei cinco anos aqui e está sendo muito excitante tudo isso.” “Eu continuo crescendo na minha carreira como pesquisadora.”*
- “Trabalho muito árduo desde muito nova, mostrado que não é gênero que define, mas sim o quanto a gente trabalha.”*

“Tem muito mais mulheres hoje e isso é lindo de ver. Eu sou uma pessoa que pensa no ganho que a sociedade e qualquer ambiente tem em relação à diversidade.”

“Infelizmente na minha época, aqui no departamento em termos de professores, não tinham professoras mulheres e isso é um aspecto interessante. Hoje, nós somos ativamente quatro mulheres.”

“Eu sou apaixonada pela minha carreira, sou apaixonada pela Engenharia Florestal, por ser professora, por fazer pesquisa e difundir o conhecimento para aprender mais.”

“Foi um impacto muito grande no sentido de ter que dividir minha atenção, de falar: ‘agora a principal coisa na minha vida não é minha carreira, agora é meu filho’. Mais do que lidar com essa redução de produção acadêmica e cuidar de um filho, foi lidar emocionalmente com uma mudança em termos de prioridade. O processo foi esse amadurecimento de mulher e de entender que a minha maior obra está aqui em casa e ela não exclui o amor que eu tenho pela minha carreira, pelo contrário, me traz mais vida.”

Dalva Maria da Silva Matos

Bióloga e professora da
UFSCAR

Entrevista em 29/01/2021



“O fato de eu ter vencido o desafio de ser a primeira pessoa da minha família a entrar numa Universidade, pra mim foi algo fantástico.”

“A primeira vez em que me senti discriminada por ser mulher ocorreu quando um pesquisador famoso foi pra campo comigo. Ele já era mais velho. Tinha que carregar podão, material de campo (...), aí ele fala pra mim ‘Nossa, até que pra uma mulher você é até bem forte!’. (...) Felizmente eu tive essa força interna de ignorar.”

“Por outras vezes eu sentia um certo preconceito, de ser mulher e viver em outro país.”

“Já aconteceu de eu chamar atenção de pesquisadores que falavam de forma agressiva comigo, como se eles liderassem o programa. Até que cheguei ao ponto de perguntar: ‘Você quer ver meu currículo?’”

“Eu fiquei muito honrada de ter sido reconhecida.”

“Não é algo fácil para uma mulher, mas eu não me sinto diferente dos homens.”

“Principalmente para as jovens meninas e aquelas que vem de uma classe social menos favorecida: tenham uma meta. (...) Não desistam. Cada vez que alguém faz alguma coisa que te deixa magoada, use o tempo seguinte não para ficar remoendo, mas para estudar.”

“Não há nada como a gente estar no campo, descobrindo, vendo coisas diferentes. Interações no campo é algo invejável.”

Silvia Regina Goi

Bióloga e professora titular
aposentada da UFRRJ

Entrevista em 03/02/2021



“É fantástico trabalhar nessa área de floresta (...) Tem uma diversidade enorme.”

“As Ciências Agrárias realmente é uma área que tem mais homens que mulheres trabalhando, muitos viraram amigos até hoje, mas você sendo honesta, de paz, tentando resolver os conflitos, tudo se resolve! Não deixar o problema virar uma bola de neve, que tudo se resolve.”

“Com a quarentena a gente tem que ficar em casa e tem bastante coisa pra fazer, como eu tinha dito, a gente sai da Floresta, mas a Floresta não sai da gente, a gente continua a se dedicar.”

(sic.)

Martha Andreia Brand

Engenheira Florestal e
professora da UDESC

Entrevistada em 05/02/2021



“Fui procurar emprego numa empresa e a pessoa que fez a entrevista comigo, disse depois: ‘Não vou te contratar porque você é mulher’. Fiquei extremamente magoada, só que naquele momento eu disse assim: ‘Vou provar pra ele que o fato de eu ser mulher não importa. Eu vou continuar estudando e ser quem eu quero ser’.”

“Eu amo o que eu faço, então pra mim é fácil. Essa é minha motivação. O amor pelas coisas que eu faço”.

Maria Raquel Kanieski

Engenheira Florestal e foi
professora da UDESC

Entrevistada em 12/02/2021



“Sempre a gente ouvia comentários, sempre havia aquela preferência de escolha de bolsista para campo que fosse homem, com aquela ideia de que ‘a gente não quer que a mulher sofra preconceito no campo’, mas já sofrendo (o preconceito)!.”

“Eu tive discussões com algumas empresas que quando pediam perfil masculino para suas vagas, esse pedido era no sentido de proteger a mulher, eles falavam ‘eu não quero que ela sofra uma agressão no campo’. Se a mulher tem o perfil de liderança, ela suporta isso... e dá a volta por cima! Essa história de querer proteger a mulher dessa situação não combina mais. Há homens que ocupam cargos de liderança e não conseguem dar conta desse tipo de situação como uma mulher: não é uma característica do gênero e sim da habilidade que ela desenvolve.”

“Minha profissão é mais como professora do que como engenheira florestal... Meu objetivo é transformar pessoas para que essas façam a diferença lá fora. Essa é minha principal motivação, é onde me sinto realizada na profissão”.

“Tem muitas pessoas com grande potencial que querem alguma coisa e acabam desacreditando de si mesmas, porque alguém falou que isso não era possível. Só quem pode dizer que a gente não vai conseguir chegar a algum lugar é a gente mesmo.”

Angeline Martini

Engenheira Florestal e
professora da UFV

Entrevistada em 26/02/2021



“Quando eu passei no concurso para a universidade, a maior preocupação do departamento era o fato de eu ser casada e que meu marido morava em outro local. Havia muito medo de eu não assumir essa vaga por eu ser casada ... não houve prejuízo algum, mas homem nenhum passa por isso na hora de ser contratado em qualquer local.”

“A ciência florestal traz um benefício muito grande pra sociedade, pois não é uma profissão egocêntrica, a gente trabalha com questões muito maiores do que nós.”

“Para as meninas em específico: preparem-se para enfrentar as dificuldades; elas existem o tempo todo. Tem horas que é mais sutil e você consegue passar sem perceber e isso será um aprendizado, mas tem horas que não, que vai machucar e ferir, mas que também servirá para você evoluir e crescer como pessoa e profissionalmente.”

Elzimar de Oliveira Gonçalves

Engenheira Florestal professora
da UFES

Entrevistada em 01/03/2021



“Tem muita coisa que pode ser dita... temos que manter a humildade acima de tudo, estarmos sempre abertos a aprender, buscar conhecimento e trabalhar muito. Nada vem de graça, temos que correr atrás.”

“Procure aquilo que te deixe feliz, como diz o ditado ‘trabalhe com aquilo que você goste e tudo será diversão’. Quando se faz o que se gosta, a gente se dedica, não tem fim de semana, nem férias, nem feriado.”

Catherine Torres de Almeida

Engenheira Florestal e Bióloga,
Pós-doutoranda na USP

Entrevistada em 16/03/2021



“Eu sou realmente apaixonada por aquilo que eu faço, apesar de encontrar desafios no caminho, é muito gostoso fazer pesquisas na área das ciências florestais... encontre aquilo que você faça com paixão! Não será fácil sempre, mas as dificuldades serão menores do que a sua vontade de trabalhar.”

“Eu já ouvi muitos comentários que às vezes desanimam, comentários infelizes e machistas. Não dê atenção a essas coisas, por mais que eles machuquem a gente, não se deixe abalar por isso. Tem que persistir muito... se uma pessoa lhe diz um comentário infeliz, talvez o problema esteja nela e não com você.”

“O caminho acadêmico é muito longo, que exige muito tempo de dedicação; os resultados não vêm imediatamente: eles demoram! Se vale a pena pra você, persista e dedique seu tempo que você irá colher os resultados!”

Sandra Regina Afonso

Engenheira Agrônoma e pesquisadora
no Serviço Florestal Brasileiro

Entrevistada em 26/03/2021



“Hoje há uma maioria de mulheres nos cursos florestais... temos mais mulheres formando, mas isso não se reflete na ocupação dos cargos, isso são indícios que eu vejo dessa discriminação (de gênero).”

“É muito gratificante trabalhar com a agenda florestal, a gente hoje tem a maior floresta tropical do mundo, guardando uma grande diversidade; nós temos o privilégio de obter da floresta uma série de recursos... temos uma perspectiva tão grande ao trabalhar com a floresta, o potencial é tão grande... não apenas a floresta, mas as pessoas que estão nela... a diversidade social e cultural que ela (floresta) carrega com seus povos me motiva todos os dias e faz-me sentir realizada”.

“Siga em frente... as oportunidades de trabalho com a floresta são muito diversas... acima de tudo a gente precisa de gente trabalhando com a floresta. O Brasil tem um potencial maravilhoso... precisamos dos florestais mostrando a importância da conservação, da defesa e incentivando o uso (consciente) da floresta.”

Barbara Bomfim Fernandes

Engenheira Florestal e pesquisadora do laboratório Nacional de Lawrence Berkeley, Estados Unidos

Entrevistada em 08/04/2021



“Na época em que me formei, meus colegas homens entraram para empresas, para atuarem no inventário florestal nacional. Todos eles, menos as mulheres. Foi um choque pra mim, não é possível, sabe, não é meritocracia. Tem alguma coisa... Até que um dia um colega me falou: ‘a gente não contrata mulher para campo’.”

“Sobre as mulheres escolhendo certas áreas: quem está influenciando elas? Onde eu estudei eu só tive duas ou três professoras mulheres, o resto todo de homens. Tudo isso também influencia a representação. Não é uma coincidência que mulheres escolham certas áreas... é um ciclo que só vai mudar quando desestruturar.”

“A questão de gênero... na verdade eu tive que tentar me desfazer do viés, a gente vem do viés muito separado: a menina ganha o kit cozinha e o menino ganha um caminhão, essas divisões começam muito cedo em nossa vida e quando você vê tá ao seu redor e você nem sabe!... eu tive que quebrar o meu sexismo da minha criação, mesmo eu achando que não era (sexista)... você tem que sair da bolha, nossa! O mundo pode ser tão diferente!”

“Eu ainda tenho essa briga interna pelo fato de eu ter sido chutada do meio florestal por ser mulher... eu gostaria de poder ver as meninas se formando e terem as mesmas chances... dar preferência pro cara por ele ser homem não dá! A gente não tem como nascer de novo! Minha realização seria ver o setor florestal mais equilibrado na questão de gênero.”

Ivone Satsuki Namikawa

Engenheira Florestal e
Coordenadora de Pesquisa &
Desenvolvimento, Qualidade e
Ambiência Florestal da Klabin
Celulose e Papel

Entrevistada em 12/04/2021



“Fui a primeira engenheira florestal contratada na Klabin no meio de trabalhadores na sua grande maioria homens [...] é importante a gente começar a mudar a forma de pensar, então eu desenvolvi muito minha carreira assim, procurei basear naquilo que considerava minhas competências e capacitação.”

“Em 2005 foi reiniciada uma revisão de princípios e critérios, e, na discussão pra essa revisão, surgiu critérios que usavam da questão de como os salários deveriam ser iguais e não ter essa diferenciação por conta de gênero, raça, idade ou qualquer outro tipo de discriminação.”

Miranda Titon

Engenheira Florestal e
professora da UFVJM

Entrevistada em 20/04/2021



“Todos e todas têm o direito de sonhar que a profissão é pra elas também!”

“Que cada aluno seja aquela semente que germinará para ser uma árvore frondosa!”

“A gente vive um momento de tantas incertezas e inseguranças que não podemos deixar de acreditar e sonhar ... se emocionar e chorar faz parte, mas juntas somos mais fortes”

**Ana Flávia Neves Mendes
Castro**

Engenheira Florestal e
professora da UFSJ

Entrevistada em 30/04/2021



“É muito difícil, porque a gente fica com uma culpa muito grande quando escolhe continuar trabalhando. Eu ouvi que deveria abandonar minha carreira para cuidar da minha filha... ouvi ‘você virou mãe, mas não quer ser mãe?!’ É como se eu não tivesse cuidando da minha filha. Por que eu tenho que escolher entre minha carreira e minha filha? Eu não posso ter as duas coisas?!”

“Na academia, a gente é avaliado pela produtividade... pelo número de artigos que a gente publica, eventos que participa... e depois que você é mãe, não consegue se dedicar da mesma forma. Eu nunca fui em um congresso sozinha; eu nunca deixei minha filha pra trás pra ir sozinha... eu não podia me afastar tantos dias de casa e a gente nem é convidada para participar de tantas coisas!”
“As pessoas (pesquisadores) que eu tenho mais contato, na área de anatomia (da madeira), são mulheres, apesar de ser uma área não tão simples... no campo que é um pouco mais difícil, pois tem a barreira de lidar com os trabalhadores, que são mais simples, eles têm um pouco de dificuldade de aceitar a presença das mulheres, mas hoje em dia está mais tranquilo: eles estão vendo a gente bem mais atuante”.

“Na graduação, às vezes passam algumas situações que não são muito agradáveis, são desrespeitosas... em seminários, que é uma preparação importante, o professor se atém à sua roupa, ao seu decote, se você está usando

um brinco... isso é uma desmotivação que a gente enfrenta na hora que estamos apresentando uma informação.”

“Numa reunião, por exemplo, quando tinha uma quantidade maior de homens, eu nunca falava, ficava quieta e não gostava de dar minha opinião; quando a gente é mulher as pessoas não levam tanto em consideração, eu sinto essa diferença... isso me limitou demais... depois eu passei a me posicionar quanto a essas questões... mostrar que isso não é um ‘mimimi’, é algo que machuca a gente”.

“A Engenharia Florestal é o futuro, a gente precisa dos engenheiros florestais; as mudanças climáticas estão afetando muito nosso planeta; sem as florestas e sem a conservação, a gente não vai conseguir ter a vida como a gente tem hoje. Eu vejo os engenheiros florestais como a profissão de agora e do futuro, a gente tem muito o que desempenhar.”

Thalita Taveira Faria Vidal

Engenheira Florestal e
Supervisora de Colheita
Florestal na empresa
International Paper

Entrevistada em 07/05/2021



“Quando fui convidada para vir para a colheita, eu era a primeira mulher e tinha 33 homens para liderar, eu tinha um receio muito grande, dirigindo uma caminhonete e mal dirigia meu carro, mas fui muito bem recebida, tenho muito a agradecer ao time porque foi muito importante pra mim.” “Tem dois anos que iniciamos um programa de diversidade e inclusão. É um programa fantástico [...] temos dois núcleos: LGBTQI+, Mulheres Na Operação e na Liderança, Étnico Racial e PCD. Esse programa tem dois anos de andamento e é uma conversa que temos diariamente e, acho que é assim, é possível, temos que entender as barreiras e trabalhar para tirá-las.”

“Gêneros acabam tendo olhares diferentes sobre o mesmo problema. Acredito muito que a diversidade traz lucratividade em várias esferas.”

Fernanda Piccolo Pieruzzi

Bióloga e Analista Ambiental
no Serviço Florestal Brasileiro

Entrevistada em 26/05/2021



“Existe ainda esse preconceito no trabalho de campo, de que mulheres seriam menos capazes ou conseguiriam menos que os homens.”

“[...] na faculdade, existia um rigor a mais com as meninas, tínhamos que ser excelentes executoras....”

“Sou muito feliz hoje de poder ser servidora e trabalhar como pesquisadora, sinto-me muito realizada.”

**Tatiana de Azevedo Branco
Calçada**

Bióloga e Analista Ambiental no
Serviço Florestal Brasileiro

Entrevistada em 10/06/2021



“O fato de ser mulher traz sim alguns desafios a mais em um mundo que ainda é permeado por certo grau de machismo. Tanto durante a formação acadêmica quanto na vida profissional, vivenciei (eu e colegas) piadas machistas, corporativismo masculino, tentativas de intimidações... Mas, no final das contas, o que prevaleceu nessa trajetória foi o desempenho, a competência. Para mim, o maior desafio foi a conciliação da maternidade com os sonhos profissionais. Já recusei convites para assumir a coordenação de grupo de trabalho e de unidades técnicas em razão da terceira jornada em casa com os filhos. Apesar de os homens assumirem hoje mais responsabilidades como pais, percebo que ainda existe uma desigualdade entre o papel materno e o paterno, no que diz respeito ao investimento de energia. Acredito que é um exercício constante de reeducação familiar, não só para os homens, mas também para as mulheres. Para os homens de assumir mais responsabilidades no cuidado com os filhos, para a mulher de se posicionar, e para ambos de buscar um acordo.”

“Considero que obtive o reconhecimento merecido em minha profissão. Abri mão de algumas oportunidades em razão da maternidade, mas estas chegaram até mim.”

Maria José Brito Zakia

Engenheira Florestal e
consultora na área
socioambiental

Entrevistada em 29/06/2021



“Quando o funcionário é homem, ele pode adicionar a mulher no plano de saúde dele, quando a funcionária é mulher, ela não pode colocar o marido no plano de saúde.”

“Tem muito mais mulheres no mercado com boa formação, capazes de compor um bom quadro de empresa. E esses números vêm melhorando.”

Raquel Álvarez Leão

Engenheira Florestal e Analista Ambiental no Serviço Florestal Brasileiro

Entrevistada em 01/07/2021



“Moro em um lugar com várias trilhas perto e como mulher, não tenho coragem de fazê-las, por dois motivos: ser mulher e estar sozinha. Mas felizmente, de certa forma, eu sempre tive situações seguras e nada aconteceu, porque é aquele receio que toda mulher tem de andar sozinha à noite, essas coisas básicas...”

“Estou construindo meu caminho ainda, então não sei onde vou chegar, ainda estou procurando...Estou buscando entender qual é esse meu caminho pois não adianta a gente se espelhar no caminho de alguém porque aquela pessoa não viveu a nossa história, não tem a nossa bagagem...”

Maureen Voiglaender

Engenheira Florestal e
especialista em certificação
florestal na Neocert Piracicaba

Entrevistada em 13/07/2021



“Hoje as empresas têm claramente uma política de que é necessário perseguir a equidade de gênero, isso está nas metas das companhias de hoje. Acho que em todas as grandes empresas existe um despertar da consciência sobre essa necessidade.”

“Autorizem-se a ocupar qualquer lugar que vocês desejem e não coloquem como obstáculo a sua própria crença de que nem todo lugar é para mulher.”

Vane Costa

Engenheira Florestal e de
Segurança do Trabalho e
comunicadora científica.
Youtube Versada by Vane
Costa

Entrevistada em 27/10/2021



“Passei por situações complicadas sim, mas o que mais me chateou foi saber que eu perdi uma vaga porque era trabalho de campo, e eles queriam um cara e achavam que uma mulher não daria conta do serviço.”

“Acreditem em vocês, façam seu trabalho bem-feito. A gente tem uma mania de se comparar com os outros.” Aproveitem os cinco anos de faculdade pra estudar, fazer contatos, fazer artigo e façam o melhor de vocês, não se comparem com seu vizinho.”

“O que me motiva a fazer o Versada é pensar que ele é um canal de comunicação científica gratuito, que vai ajudar um vestibulando, um estudante de engenharia florestal, com o objetivo de deixar o conhecimento acessível, porque quando você tem que pagar pra ler um artigo você exclui a maioria da população.”

Daniela Cleide Azevedo de Abreu

Bióloga, Professora da UTFPR

Entrevistada em 05/08/2021



“Dentro do nosso meio deveria existir menos competição e mais união, porque isso é muito importante. Nós temos que nos fortalecer.”

“A forma que eles enxergam a mulher como professora é como uma segunda mãe, mas na verdade não é. A gente até pode ser uma segunda mãe, mas cada momento tem que ser respeitado. Existe muito de as vezes os alunos se aproveitarem da situação por sermos mulheres, da nossa sensibilidade feminina.”

“Eu acho que houve um grande avanço pra nós no mercado de trabalho, porque as mulheres estão realmente atuando fortemente no setor florestal.”

“A extensão ganhou uma outra dimensão dentro da universidade no modelo remoto, porque nós conseguimos fazer grupos de trabalho e estudar. Estou tirando proveito de tudo, aprendendo novas ferramentas e adquirindo conhecimento, porque a gente também tem que aproveitar a oportunidade.”

“Sinto-me muito realizada, não me arrependo em nenhum momento, todas as dificuldades que eu passei foram aprendizados, uma forma de te fortalecer e buscar seus ideais, porque sonho a gente sonha todo dia, então buscar os ideais é fundamental.”

“O aluno tem que superar o mestre, porque isso é reflexo de um bom orientador.”

Raimunda Liége Souza de Abreu

Engenheira Florestal e
Pesquisadora no INPA

Entrevistada em 10/08/2021



“Dentro da Engenharia Florestal tem milhares de caminhos que a gente pode trilhar, então eu acho uma boa opção de curso.”

“Em primeiro lugar, eu acho que tem que haver uma iniciativa do governo, porque se a gente não tiver políticas públicas, não adianta ter engenheiros florestais.”

Raquel Fernandes de Araujo

Engenheira Florestal e pesquisadora de pós-doutorado no Instituto de Pesquisa Tropical Smithsonian, STRI, Panama.

Entrevistada em 12/08/2021



“Foram essas duas professoras de florestal. Poucas, né?”

“Hoje no pós-doutorado, estou tendo uma orientadora mulher e isso faz toda a diferença”

“Está sendo importante trabalhar com uma mulher por ser uma oportunidade de discutir essas questões de gênero.”

Daniela Biondi Batista

Engenheira Florestal e professora titular na UFPR

Entrevistada em 19/08/2021



“Em relação ao convívio, sim. Existe diferença, muita.”

“Por exemplo: Foi difícil eu ter cargos, se fosse competir com homens. Eu sempre perdia, claro. Não por incompetência, mas por grande maioria do departamento, sendo formado por homens, não aceitavam um superior, para mandar...”

“Ninguém sabe quantas vezes eu levei não. Muitos não, sempre com uma resposta...”

“Quantas mulheres têm em uma instituição que fomenta pesquisa? São poucas. Da Engenharia Florestal, muito poucas.”

“Um resultado devido ao esforço e a persistência, de nunca desistir. [...] Para mudar aquele cenário.”

“A gente [referindo-se à presidência de seu departamento] está sempre buscando coisas que nunca foram feitas antes, para mostrar nossa criatividade e proatividade” “Hoje com a globalização existe a obrigação de ser melhor.”

Maria Madalena Santos da Silva

Engenheira Cartográfica e Professora na UTFPR

Entrevistada em 26/08/2021



“A gente do gênero feminino vem de uma luta constante pelo nosso espaço. Além de fazer bem, tem que fazer muito melhor.”

“A discriminação vem muito velada, sempre tem aquela questão de uma piadinha, uma gracinha.”

“Existe uma discriminação no sentido da capacidade.”

“Será que no nosso panorama científico, nós não temos mulheres de destaque que poderiam ser reitoras, diretoras? [...] até mesmo em um ministério?”

“A capacidade não requer gênero.”

“Por que somos tão discriminadas se somos a maioria da população? Se a maior parte é chefe de família, se somos a maior força de trabalho, se estamos em maior número na academia, se estamos nos aperfeiçoando mais. Então, o que está faltando?”

“Falta essa humanidade na sociedade. Todos nós viemos de uma gestação, de uma mulher. É uma hipocrisia quando se olha pelo lado da discriminação, da maternidade. Ela é necessária para a humanidade, etapa da vida fundamental. Mas falta a empatia do outro, entender que naquele período ‘a gente’ vai se ausentar. E no que isso nos desqualifica profissionalmente?”

Maurem Kayna Lima Alves

Engenheira Florestal, Gerente de Sustentabilidade na CMPC Brasil e Escritora

Entrevistada em 02/09/2021



“Não quero e não vou reconhecer que há obstáculos: era uma postura nossa, na época.”

“Na medida em que a gente demonstrava, ou seja, em que a gente deixava claro o pensamento deles: ‘que não era próprio, não era típico de uma mulher, que era fantasia das cabeças que assim avaliaram’, aquilo ia se diluindo.”

“É sempre um esforço, uma superação de obstáculo, ter que demonstrar que pode. E que não é da mesma forma para alguém do gênero masculino”

“Hoje, todos os tipos de atividade têm uma mulher na equipe. Isso, pra mim, é fruto de todo um movimento das mulheres e da própria sociedade, de uma mudança e ocupação do espaço...”

“Autorizem-se a ocupar qualquer espaço que desejem, e não coloquem como empecilho sua própria crença. Qualquer espaço, dentro de qualquer profissão, se a mulher assim desejar, é para mulher.”

“Qualquer escolha tomada conscientemente é válida e merece respeito”

“Consciência eventual de discriminação é uma ferramenta valiosa pro desenvolvimento na carreira, com mais ênfase naquelas que são historicamente dominadas pelos homens.”

Caroline de Souza Cruz Salomão

Engenheira Ambiental e
consultora/pesquisadora do
IPAM

Entrevistada em 30/09/2021



"Em termos de proposição da política, as mulheres das áreas das ciências florestais estão mais presentes e estão sendo mais escutadas"

"Eu vi um modelo que foi de baixo pra cima com a presença de mulheres vindas da academia e do campo."

"Do ponto de vista das finanças, onde as ciências florestais são vistas como um grande potencial de alavancagem, eu acho que ainda não é um local muito habitado pelas mulheres."

"Eu tento ser sempre muito grata, mas eu me considero uma pessoa muito ambiciosa, preciso aprender muito mais, conversar com mais gente. Eu me sinto muito realizada, mas eu ainda posso muito mais e quero muito mais."

Ludmila Rattis

Bióloga e Pesquisadora no
IPAM

Entrevistada em 05/10/2021



“Sou mulher, logo sou interrompida.”

“Quando esse sentimento de que você é menor que os outros aparecer, não admita ele.”

“Por causa de mortes como a da Valéria, eu não tenho nenhum nome de mulheres trans pra poder falar. É uma realidade que a gente precisa trabalhar muito pra que ela mude.”

Lafís Victória Ferreira de Sousa

Engenheira Ambiental e
Analista de Pesquisa no IPAM

Entrevistada em 13/10/2021



“O IPAM consegue ser mais igualitário em relação a quantidade de homens e de mulheres, mas em outras áreas o que era muito comum era uma maior quantidade de homens. [...] A gente não via aquela equidade.”

“Ficava muito claro porque eu dava aula para engenharias no geral [...] Tinham só três mulheres na faculdade, no interior. [...] O nível de assédio era muito alto, tanto por parte dos homens e por parte dos alunos. Tinham turmas, que eram só homens! Eles faziam muita gracinha e você não era muito respeitada, ainda mais sendo um pouco mais jovem.

“Eu trabalhei como consultora em um centro internacional de AgroFlorestas e a gente também não podia ir pra campo só mulher, sempre tinha que ter um homem no carro. A gente fica imaginando o que aconteceria se fossem só três mulheres, mas a equipe obrigatoriamente deveria ser formada com um homem. Se tivessem só mulheres, deveria ocorrer a redistribuição das equipes para ir para campo.”

“Não são coisas gritantes, nunca passei por um assédio mais traumático, mas são situações que a gente percebe que nosso gênero é determinante para a realização ou não de uma atividade.”

“O meio rural, diante de toda a minha experiência, é ainda muito machista. Então, outra coisa da presença masculina de você estar em campo é ter uma abertura para o agricultor conversar com você.”

“Quando você chega na casa de um agricultor e tem só mulheres e a mulher dele tá lá, existe um ciúme e um meio que limita aquela aproximação. [...] E

quando tem um homem em campo, é clássico, o agricultor preferir conversar com o homem. Por mais que tivéssemos agrônomas não equipe, especialistas, a gente falava e o agricultor não considerava e quando o homem falava a mesma coisa, ele concordava.”

“Sou apaixonada pela agricultura familiar, mas isso é uma limitação muito clara.”

“Isso não é algo, jamais, questionado em campo. [O machismo]”

“Nós somos mulheres, nós somos da Amazônia e pesquisadoras.”

“A partir do momento em que você oferece condições para uma mulher crescer dentro desse ambiente de trabalho, as chances dela chegar em ambientes mais altos, e visualizar coisas que homens não visualizam, acabam sendo um escape muito bom. [...] O que a gente percebe muitas vezes são homens em cargos de chefia.”

“A gente tem que questionar sempre e enquanto a gente tiver ‘enchendo o saco’ e questionando, já é um pontapé inicial para as coisas mudarem.”

Jarlene Gomes de Lima Viana

Geógrafa e pesquisadora
auxiliar no IPAM

Entrevistada em 26/10/2021



“Na região nordeste o machismo é bem maior, as mulheres ficam em casa cuidando de filhos e não têm muito espaço de fala. As mulheres não têm vez no Nordeste.”

“A própria mulher quando conquista seu espaço e sua autonomia econômica, colabora pra que os jovens cresçam de uma forma diferente. Essa questão econômica é chave para o desenvolvimento da mulher.”

“Sendo mulher, nós temos que ter um enfrentamento maior para as coisas, ter um pouquinho mais de força pra nos colocarmos nos espaços.”

Luiza Lima

Engenheira Florestal e assessora de políticas públicas do Greenpeace

Entrevistada em 11/11/2021



"O setor privado é um setor poderoso, tem capacidade de implementar mudanças que vão gerar benefícios para a sociedade e para o meio ambiente."

"No campo agrário, como um todo, é impossível dissociar as duas coisas. Acho que ser mulher nesse ambiente de trabalho, estará presente sempre na nossa vida."

"Em todo trabalho de campo ser mulher é um elemento, porque tem que pensar como tá indo, com quem tá indo. Acho que ser mulher ainda é um elemento determinante na escolha de candidatos."

"Não sei se uma completa realização a gente atinge um dia, mas eu acho que eu estou onde eu gostaria de estar nesse momento."

Rafaella De Angeli Curto

Engenheira Florestal e
professora da UFRRJ

*Roda de conversa em
23/09/2021*



“Tive uma coorientadora mulher e, realmente, a gente acaba estreitando mais os laços, talvez até se sentindo mais à vontade.”

Vanessa Maria Basso

Engenheira Florestal,
professora da UFRRJ

Roda de conversa em
23/09/2021



“O que me chocou, era que o corpo docente era muito masculino. Lá em Viçosa, são mais de 40 professores, e quando eu entrei, só tinham 2 professoras. Isso foi algo muito chocante, e foi nesse momento em que eu percebi como era masculino o curso.”

“Havia um certo machismo em algumas áreas, tanto que alguns professores preferiam exclusivamente meninos, para trabalhar com eles, principalmente na área de campo.”

“Não se deixe desmotivar pelos números.”

Natane Amaral Miranda

Engenheira Florestal,
professora da UFRRJ

Roda de conversa em
23/09/2021



“Quanto a andar sozinha no IF (meu setor de trabalho), sempre bate aquela insegurança, sem saber se tem alguém em algum lugar, escondido... é um ponto que me deixa bem insegura para realizar algumas atividades de trabalho.”

“Gostaríamos de ver os números se convertendo em cargos.”

Natália Dias de Souza

Engenheira Florestal,
professora da UFRRJ

Roda de conversa em
23/09/2021



“Como a Engenharia Florestal entrou na minha vida? Eu tinha 10 anos, peguei a cartilha e li sobre a Engenharia Florestal. ‘Gente, eu quero ser engenheira florestal pra cuidar do planeta’. Fiquei com isso na minha cabeça. Então entrei na universidade de um sonho que eu tinha, fui estudando, aprendendo e me apaixonando pelo curso.”

“Nós éramos minoria (no curso), tinha bastante homem. Meus amigos tinham uma certa preocupação, eu achava até bonitinho, a gente andava em conjunto, ninguém sozinho, havia um zelo da parte deles.”

“O que eu sinto é que na minha casa fomos criados todo mundo sendo igual. O homem é igual à mulher e vice-versa. Eu achava que podia fazer tudo que homem faz, não tive essa coisa de ‘menininha’, lá em casa era tudo muito igual.”

EQUIPE DO PROJETO



Claudia Moster

Engenheira Florestal formada na ESALQ - USP (2003). É professora da UFRRJ, responsável pelo Laboratório de Manejo de Bacias Hidrográficas do Departamento de Ciências Florestais do Instituto de Florestas, criadora e coordenadora do projeto de extensão "Mulheres nas Ciências Florestais". Filha, irmã, esposa e mãe de 2 meninas (e... esperando a chegada de um menino).



**Mulheres
nas Ciências
Florestais**
IF | UFRRJ

EQUIPE DO PROJETO



Carolina Gomes Moreira

Engenheira de Alimentos formada na UFRRJ (2009). É servidora pública federal e técnica administrativa no cargo de assistente de laboratório no Departamento de Ciências Ambientais do Instituto de Florestas da UFRRJ desde 2010. Filha, irmã, tia, namorada, amiga.



**Mulheres
nas Ciências
Florestais**
IF | UFRRJ

EQUIPE DO PROJETO



Cleide Silva de Souza

Servidora pública federal e técnica administrativa lotada no Instituto de Florestas da UFRRJ desde 2014. Mulher cristã que procura, como diz o poeta Sérgio Lopes, “sorrir se alguém me estender a mão. E entender que a vida, com perigos e arranhões, é um presente que eu ganhei de Deus”.



**Mulheres
nas Ciências
Florestais**
IF | UFRRJ

EQUIPE DO PROJETO



Alessandro Moreira Lima

Engenheiro Florestal formado na UFRRJ (2014). É servidor público federal e técnico administrativo em exercício no Núcleo de Informação e Documentação Florestal do Instituto de Florestas da UFRRJ. Homem apreciador dos diálogos dos universos e das filosofias masculinistas e feministas.



**Mulheres
nas Ciências
Florestais**
IF | UFRRJ

EQUIPE DO PROJETO



Renata Pontes Araujo

Engenheira Florestal formada pela UFRRJ (2021). É tutora-supervisora bolsista do Programa Institucional Pré-Enem da UFRRJ, responsável por supervisionar a área de Ciências da Natureza. Licencianda em Ciências Biológicas pela UNIASSSELVI. Menina-mulher que sabe o que quer. Gosta de jardinagem, leitura, videogame e passar um tempo com os amigos e os familiares em seus momentos de ócio.



**Mulheres
nas Ciências
Florestais**
IF | UFRRJ

EQUIPE DO PROJETO



Beatriz Queiroz Demarco

Discente de graduação do curso de Bacharelado em Engenharia Florestal pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Iniciante Científica pela Embrapa Agrobiologia (Seropédica) no Laboratório de Leguminosas Florestais. Foi presidente do Centro Acadêmico de Engenharia Florestal da UFRRJ (2021-2022). Atualmente, é membro da equipe do projeto de extensão "Mulheres nas Ciências Florestais" e ministrante de atividades na equipe da Guarda Compartilhada Floresta Nacional Mário Xavier. Ademais, é voluntária no UNICEF Brasil.



**Mulheres
nas Ciências
Florestais**
IF | UFRRJ

EQUIPE DO PROJETO



Larissa Brandão Pereira

Discente de graduação do curso de Bacharelado em Engenharia Florestal pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Atualmente, faz parte do projeto de extensão Mulheres nas Ciências Florestais, também é bolsista e membro do projeto de extensão “Elas nas Ciências” e coordenadora de mídias no Centro Acadêmico de Engenharia Florestal.



**Mulheres
nas Ciências
Florestais**
IF | UFRRJ

EQUIPE DO PROJETO



Livia Obolar de Amorim

Discente de graduação em Bacharelado em Engenharia Florestal, pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Atualmente, faz parte do projeto de extensão Mulheres nas Ciências Florestais e também da Coordenação de Mídias do Centro Acadêmico de Engenharia Florestal.



**Mulheres
nas Ciências
Florestais**
IF | UFRRJ

EQUIPE DO PROJETO



Nathalia Augusto dos Santos

Discente de graduação do curso de Bacharelado em Engenharia Florestal pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Bolsista PIBIC no Departamento de Produtos Florestais (DPF). Coordenadora de Extensão e Eventos do Centro Acadêmico de Engenharia Florestal. É também estagiária no Laboratório de Ecologia da Paisagem da Embrapa Agrobiologia. Atualmente, faz parte do projeto de extensão Mulheres nas Ciências Florestais



**Mulheres
nas Ciências
Florestais**
IF | UFRRJ

O Núcleo de Informação e Documentação Florestal (NIDFLOR) do Instituto de Florestas da UFRRJ é a instituição parceira do projeto. Além da contribuição às postagens e entrevistas realizadas, a página web do projeto está hospedada no site do NIDFLOR.

<https://institucional.ufrj.br/nidflor/mulheres-nas-ciencias-florestais/>





AGRADECEMOS A TODAS AS PESSOAS QUE COLABORARAM COM O PROJETO, PRINCIPALMENTE ÀS NOSSAS ENTREVISTADAS E SEGUIDORES DAS REDES SOCIAIS.

@mulheresnascienciasflorestais

AGRADECIMENTO ESPECIAL, À UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, AO INSTITUTO DE FLORESTAS E AO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS AMBIENTAIS.



UFRRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO



INSTITUTO DE
Florestas

